



ALUNOS RECEBEM PRÊMIOS

Liderança Concedeu Prêmio Aos Melhores

Os universitários vencedores do concurso promovido durante o I Ciclo de Estudos sobre Liderança Comunitária, no DCE, compareceram à Reitoria, onde receberam das mãos do Reitor, Professor Marcionilo Lins, os prêmios de Cr\$ 200,00, cada um. Escreveram sobre diversos aspectos relacionados com o tema central do conclave, merecendo a preferência da comissão coordenadora, à frente o Dr. Djair Barros Lima.

INCENTIVO AOS ESTUDIOSOS

O Departamento de Assuntos Estudantis da UFPE, determinou uma dotação especial,

no orçamento do corrente ano, para premiar os estudantes que obtiveram, em 1971, os melhores créditos escolares no primeiro ano dos seus diversos Cursos Profissionais ou Acadêmicos, assim como nas quatro áreas do ciclo geral.

Essa promoção foi recebida com a maior simpatia por parte dos estudantes e é, sem dúvida alguma, um interesse da Universidade pelo esforço dos que se dedicam, com afinco, às atividades escolares e obrigações curriculares. Aliás, essa iniciativa se insere, perfeitamente, no apoio à educação dado pelo Governo Federal, através do Ministério da Educação e Cultura.

Reitor Plantou Pau Brasil No Campus

Para o Professor Geraldo Mariz, chefe do Departamento de Botânica do Instituto de Biociências da UFPE, plantar uma árvore, no dia dedicado a ela, não traduz simplesmente uma comemoração: significa, ao mesmo tempo, a formação de uma nova mentalidade voltada para a preservação das nossas riquezas naturais e ao plantio de novos vegetais nas áreas devastadas.

Seu pronunciamento foi conhecido por ocasião das comemorações da Semana da Árvore, quando, em cerimônia simples, realizada no campus, em frente à Reitoria, foram plantados três exemplares do pau-brasil. Coube ao Reitor, Professor Marcionilo Lins, jogar as primeiras pás de terra, plantando uma dessas árvores, que têm relação direta com a História do Brasil.

vação das riquezas naturais, não somente proibindo a devastação da flora e da fauna, como também promovendo o seu cultivo. Lembrou aspectos históricos relativos à exploração do pau-brasil, fazendo, inclusive, alusão ao sentido econômico despertado por essa madeira, a qual se constituiu no principal atrativo aos olhos dos estrangeiros, uma vez que a "madeira cor de brasa" era utilizada com fins industriais.

PLANTIO

As comemorações da Semana da Árvore, no âmbito da Universidade Federal de Pernambuco, foram promovidas pelo Departamento de Botânica. Além do Reitor, que plantou uma árvore, compareceram ao ato Professores, pesquisadores, assessores e altos funcionários da Reitoria, além de estudantes.

O chefe do Departamento em tela, Professor Geraldo Mariz, é um entusiasta da preservação das riquezas naturais, sendo, atualmente, o presidente da Sociedade Protetora dos Recursos Naturais do Recife.



Exultação à Natureza

VIGILANCIA

O Professor Geraldo Mariz acentuou que cada um de nós pode e deve ser um vigia permanente no que tange à conser-

Mascarenhas Conferenciou

Com a presença do Reitor Prof. Marcionilo Lins, Professores, funcionários e convidados especiais, foi inaugurada a Biblioteca "Prof. Sérgio Mascarenhas", no Instituto de Física da Universidade Federal de Pernambuco.

A escolha do nome deve-se a uma especial homenagem ao Prof. Sérgio Mascarenhas que, quando membro do Conselho Nacional de Pesquisas, em 1969, redigiu a primeira versão do convênio que viria a ser celebrado entre a UFPE e o CNPq, para o desenvolvimento do Instituto de Física, tendo sido também a pessoa que mais lutou no CNPq, para a aprovação do referido convênio.

A inauguração da nova biblioteca contou, evidentemente, com a presença do Prof. Sérgio Mascarenhas, na Universidade, a convite especial da direção do Instituto de Física. No anfiteatro do Instituto de Física, o Prof. Mascarenhas falou sobre a Formação de Grupos de Pesquisa Científica em Países em Desenvolvimento, tema que despertou grande interesse no auditório, quase todo ele constituído de especialistas da Universidade, além de convidados especiais.



Conferência do Prof. Mascarenhas

Medalha para Membros da UFPE

Em cerimônia realizada no Palácio do Itamarati com a presença do Presidente Médico, o cientista Oswaldo Gonçalves de Lima recebeu a medalha de admissão na Ordem de Rio Branco, no grau de Oficial, por deferência do Ministério das Relações Exteriores do Brasil. O escritor Arlano Suassuna foi distinguido também com essa comenda. Para a concessão dessa honraria, exige-se que a pessoa escolhida tenha trabalhos publicados no exterior.

CEP Concede Título ao Ministro da Educação

O Ministro Jarbas Passarinho, da Educação e Cultura, virá ao Recife, proximamente, para receber o título de "Sócio Benemérito" a ser-lhe outorgado pela Casa do Estudante de Pernambuco, conforme deliberação do seu corpo social, em consonância com as diretrizes da diretoria daquela "república" estudantil.

Ao que consta, há cerca de dez anos, a CEP não concede esse título a ninguém. Somente agora, depois de superar as sucessivas crises por que passara, principalmente de natureza administrativa, ocupando lugar de destaque entre as suas congêneres de todo o Brasil, resolve concedê-lo, justamente ao homem público, Senador Jarbas Passarinho, que se destaca pelo apoio material e moral dispensado à atual diretoria da CEP.

É desejo do acadêmico João Arraes realizar uma cerimônia em frente à Casa do Estudante de Pernambuco — levando-se em conta as limitações de espaço físico do seu auditório — para entregar o diploma de "Sócio Benemérito" ao Ministro Passarinho.

OFÍCIO

O ofício remetido ao titular do MEC, pela direção da CEP, tem o seguinte teor:

"Senhor Ministro:

O Presidente da Casa do Estudante de Pernambuco tem a honra de comunicar ao eminente Ministro que o Corpo Social da Casa do Estudante de Pernambuco em Assembleia Geral, realizada no dia 08 do corrente, às 10,00 hs., aprovou por unanimidade a concessão do Título de Sócio Benemérito da CEP a V. Excia.

A concessão do supracitado título representa uma homenagem dos Estudantes Ceplanos ao Grande Homem Público que é V. Excia., bem como traduz o sentimento de profunda gratidão pelos relevantes serviços prestados a esta entidade estudantil e ao Brasil pelo nobre Ministro.

As solenidades de entrega do diploma serão realizadas na CEP, no dia e hora determinados por V. Excia.

Na oportunidade expressamos o nosso desejo de que V. Excia. continue a pontilhar a Vida Pública com as afirmações de Nobreza que são inerentes ao Homem Público — Jarbas Passarinho.

Saudações Universitárias,
João de Andrade Arraes — Presidente".

"Manual" Agradou Discentes da UFPE.

Ampla repercussão alcançou entre os alunos da Universidade Federal de Pernambuco o Manual dos Estudantes, trabalho elaborado criteriosamente pela Assessoria Especial de Relações Públicas da Reitoria, com o objetivo principal de oferecer aos calouros — novos alunos — um instrumento no qual eles possam encontrar todas as informações de que necessitam a respeito da Universidade, desde o seu aspecto administrativo, ao acadêmico e comunitário.

A distribuição do Manual dos Estudantes foi efetuada pelo próprio Reitor, Professor Marcionilo Lins, que se deslocou a cada uma das quatro áreas, fazendo um contato direto com os alunos da Universidade — Ciclo Geral. Além dos novos alunos, houve grande interesse entre os demais integrantes do corpo discente em torno do Manual, pelas informações nele contidas sobre toda atividade funcional da UFPE.



Reitor entrega Manual

UFPe. Enviou Representante A Seminário em Petrópolis

Patrocinado pelo Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, realizou-se, de 9 a 14 deste mês, na Universidade Católica de Petrópolis, o I SEMINÁRIO SOBRE SISTEMA DE INFORMAÇÕES PARA ADMINISTRAÇÃO UNIVERSITÁRIA, com a participação de todas as universidades brasileiras.

A Universidade Federal de Pernambuco fez-se representar pelo Dr. Heleno Soares Castellar, Assessor-Chefe da Assessoria de Planejamento e Acompanhamento; pela Dra. Ana Maria Cerqueira Antunes, Assessora de Administração Financeira e Orçamentária; e pelo Professor Rafael Segóvia Moscoso, Técnico da Assessoria de Estatística.

Como resultado do Seminário, o Conselho de Reitores recomendou às Universidades a conveniência da implantação do SIA — Sistema de Informações para Administração Universitária —, compreendendo, inicialmente, os sistemas de informações do Corpo Discente, do Corpo Docente, do Corpo Técnico-Administrativo, Econômico-Financeiro e das Facilidades.

O SIA — SISTEMA DE INFORMAÇÕES PARA ADMINISTRAÇÃO UNIVERSITÁRIA é um sistema integrado pelos órgãos da Universidade, tendo por finalidade o tratamento organizado das informações, visando a dotar a administração central de elementos quantitativos necessários para serem tomadas decisões com respeito a operações sob seu controle.

O órgão central do Sistema é a Assessoria de Estatística, incumbida da administração das informações, isto é, da organização, controle, coordenação, análise, execução de sua coleta, apuração e divulgação.

O Centro de Processamento de Dados será o órgão armazenador, atuando no sistema como Banco de Dados.

As solicitações de informações por parte dos componentes externos (MEC, MINIPLAN, etc.) poderão ser atendidas completa e eficientemente num curtíssimo prazo, evitando-se coleta de dados em caráter de emergência, e a demora pouco recomendável no atendimento.

Depois de implantar o sistema, e após uma fase natural de adaptação de todos os seus componentes internos, pode-se esperar que a Universidade Federal de Pernambuco entre numa fase bastante satisfatória de uma administração cientificamente orientada, embora prevaleça a necessidade, nos casos de decisão, da capacidade de julgamento intuitivo, baseado na perspicácia administrativa e na vivência em certos tipos de situações.

Delgado Acha que Existe Novo Mundo nos Trópicos

"A Tropicologia vai encarando, de um por um, todos os elementos necessários da realidade sociológica: há um meio novo, o dos Trópicos, em que se vem implantar uma cultura lentamente elaborada em países temperados".

A afirmação é do Professor Luiz Delgado, em conferência inaugural do 7.º ano de atividades do Seminário de Tropicologia da Universidade Federal de Pernambuco. Estiveram presentes Professores, estudiosos e autoridades em geral, e os trabalhos foram coordenados pelo escritor Gilberto Freyre.

INÍCIO

O Professor Luiz Delgado iniciou sua conferência agradecendo o convite que lhe foi dirigido pelo escritor Gilberto Freyre, lembrando o tempo em que começou "a procurar os rudimentos de Sociologia que possuía. A procurá-los, adiante, por conta própria, pois não havia entre nós, naqueles idos, quaisquer cursos ou cadeiras de Sociologia", observou.

Em seguida demonstrou a importância dos estudos de Tropicologia que vêm sendo empreendidos no Seminário, sob a direção do escritor Gilberto Freyre, destacando ainda a sua importância para a cultura brasileira.

O SEMINÁRIO

O escritor Gilberto Freyre disse: "O Seminário de Tropicologia da Universidade Federal de Pernambuco entra, hoje, no seu 7.º ano de atividade. Deve-se a sua institucionalização à clarividência do Prof. Newton Sucupira; lúcido e decisivo apoio do Prof. Murilo Guimarães, quando Magnífico Reitor; e à do Prof. Marcionilo Lins, então ainda simples mas sempre atuante Professor: sempre largo na sua perspectiva das coisas universitárias".

"A idéia desse tipo de Seminário — acrescentou — novo para o Brasil, foi trazida diretamente para o Recife, da Universidade de Columbia, onde partiu, já há alguns anos, do Prof. Frank Tannenbaum, agora infelizmente falecido. Aqui, em vez de literalmente copiada do modelo norte-americano, sofreu tais modificações que o próprio Tannenbaum reconheceria estar diante de uma nova sistemática de sua aliás, mais que oportuna criação: nova sistemática, segundo ele, superior, em vários pontos, à original".

DEPARTAMENTO DE PESSOAL INFORMA

O JORNAL UNIVERSITÁRIO, a partir deste número, inicia uma Seção informativa das atividades do D.P., informações essas que serão prestadas pelos diretores das diversas Divisões do Departamento. Para coordenar o assunto, Dr. Francisco Dario Mendes da Rocha, Diretor do D. P. indicou a bacharela Maria das Graças Lucena Tinôco.

Esta coluna, portanto, traz como finalidade específica manter o leitor informado de todas as ocorrências ligadas ao Departamento responsável pelo material humano de que dispõe a Universidade.

Regularização do Pessoal "Contra-Recibo"

pedro lincoln mattos

O leitor deste jornal, com alguma ambientação no meio universitário, certamente não desconhece o fato que movimentou o pessoal administrativo no mês passado: 626 pessoas tiveram sua situação funcional regularizada, seus nomes, funções e salários publicados no Diário Oficial. Fato a comemorar ou a lastimar? Do ponto de vista subjetivo, há motivos para ambas as reações.

Objetivamente, ocorreu o seguinte: estavam dificultadas desde o fim do ano de 1964 e depois taxativamente proibidas em 30 de dezembro de 1968 (Dec. 63.946) novas admissões no serviço público. A proibição foi sucessivamente repetida, cada vez em termos mais fortes, incluindo por fim a remuneração contra-recibo a título de serviços eventuais já que esta se havia tornado uma nova forma, totalmente irregular, de admissão (vejam-se os Decretos 66.715 e 67.561, ambos de 1970).

No entanto, conforme jurisprudência oficialmente aceita através dos Pareceres H-865/69 e I-149/71 da Consultoria Geral da República, estava criada, à revelia das proibições governamentais, uma situação de fato onde a justiça poderia reconhecer um vínculo empregatício. Era preciso regularizar imediatamente a situação legalmente irregular desse pessoal. Foi o que, a exemplo de outros Ministérios, o MEC mandou fazer através da Portaria 609/71 que explicita as condições daquela regularização, uma das quais era a exclusão do pessoal posterior ao Dec. 67.561 de 12.11.1970.

O trabalho foi organizado na UFPe, totalmente, segundo orientação direta da Secretaria de Apoio Administrativo do MEC, que reviu e decidiu um a um todos os casos, determinando, a partir das atribuições descritas pelo próprio servidor e por seu chefe, a função e o nível salarial (ocorriam até então numerosas distorções salariais para mais ou para menos, fora das tabelas oficiais do Serviço Público).

A Relação de Empregos foi publicada no D.O. Os pagamentos já foram efetuados em novas bases a partir de março. Mas isto não é um "happy-end": há muita coisa ainda por ser feita e consertada, o leitor deve certamente ter a mesma opinião...

Do Contrato de Trabalho

townley resende

Diz-se dos acordos que se firmam quando as partes, empregador e empregado, externam, de modo expresso, ou implicitamente, suas receptícias declarações de vontade, dando início, assim, a uma relação jurídica cujo objeto se constitui da prestação de serviços por alguém e do pagamento de um correspondente salário por outrem. Não se trata aqui de uma definição, mas tão somente de se dar uma idéia facilmente compreensível. É lugar comum dizer-se que as definições são, em geral, imprecisas; todavia, nunca é demais fazer-se tal ressalva, sempre que tentamos conceituar algo. A propósito, uma velha estória árabe, a do elefante e dos cegos. Eram estes em número de cinco. Chegado o elefante na praça onde mendigavam, apressaram-se eles em conhecer pelo tato tão famoso animal.

O primeiro cego acercou-se e encostou-se no flanco do mamute. O segundo só conseguiu segurar-lhe a cauda. O terceiro apalpou-lhe as orelhas. O quarto abraçou-se com uma das pernas e o quinto tocou nos dentes de marfim. Saído o elefante, dali tangido pelo seu tratador, gerou-se uma tremenda confusão entre os cegos que entraram em luta corporal para fazer prevalecerem seus respectivos pontos de vista. O elefante passou a ser descrito como um paredão, tal era a opinião do primeiro cego. O segundo não admitia fosse o bicho comparado a nada diferente de uma corda, pois havia pegado no rabo do paquiderme. A borboletas imensas comparava-o o terceiro cego, posto que apenas tivera contacto com as orelhas do monstro. Jurava que era idêntico a uma grande árvore truncada o quarto cego, aquele que lhe abraçara as pernas. O quinto cego não se conformava que o elefante fosse diferente de um par de lanças, tal como as presas que tocara. São assim as definições quando se encara o objeto ou o instituto a definir sob diferentes pontos de vista. Voltando ao contrato de trabalho, verifica-se que se trata de um ajuste consensual e de direito privado, pois as obrigações que nele se estabelecem têm origem e tomam corpo na esfera dos relacionamentos privados dos cidadãos (DIGNIT OBLIGATIONES QUAE CONSENSU CONTRAHUNTUR). Ocorre a termo, que a lei delimita, ou sem prazo definido, classificando-se em consequência, conforme esta ou aquela hipótese, em contrato por tempo determinado, ou contrato por tempo indeterminado. Produto das atividades físicas ou intelectuais do homem, destinadas à satisfação das suas próprias necessidades, o trabalho é hoje, entre nós, uma ação livre e refletida,

moldada, entretanto, segundo o que nos revela a História, numa forja de sangue, violência, escravidão, servidão, ódio e ferocidade, a que a rudeza do mais forte protegia com desvelo. Agora, encontramos-lo dignificado e amparado por esta arma fortíssima chamada lei; encontramos-lo organizado, nos escritórios, nas indústrias, no comércio, nos bancos, na administração pública; encontramos-lo ao lazer do descanso semanal, ou impondo a duração da jornada-dia, jornada-semana, etc., ou trazendo medidas de segurança e higiene, ou regulamentando a contraprestação das mulheres e dos menores. O contrato de trabalho é acordo de vontades. Após ajustado, só o mútuo consentimento poderá alterá-lo, exceto quando o ordenamento jurídico, em sentido contrário estatui. Compara-se a um pacto sacramental que as vontades dos pactuantes regem. Considerado do ponto de vista da lei, o contrato de trabalho encerra os mesmos fundamentos essenciais dos outros atos de contratação bilaterais. In genere, ou seja: partes capacitadas para contratar, assunção de um compromisso e um mútuo acordo ou conformidade relativa a um fim.

Lotação e Classificação

celina fernandez

O Sr. Presidente da República assinou Decreto de nº 70.320 em 23/3 do corrente ano, estabelecendo normas à implantação do sistema de classificação de cargos instituído pela Lei nº 4645/70.

Cumprindo as diretrizes constantes da legislação específica, o D. P. executa, no momento, o preenchimento de formulários específicos para o estudo da fixação do número de cargos que deverão integrar as classes das categorias funcionais, no Quadro de Pessoal desta Universidade. Para determinar essa fixação o D. P. está recebendo uma grande colaboração dos Pró-Reitores, Diretores de Departamentos e Secretários das Unidades. Tão logo o trabalho seja concluído pela Equipe Técnica de Alto Nível, e aprovado pelo Magnífico Reitor, será encaminhado a Brasília para estudo e aprovação pelo DASP.

Orçamento

luíza pontual

O MEC remeteu à UFPe, formulários relativos a informações orçamentárias correspondentes aos exercícios de 1969, 1970 e 1971, os quais deveriam ser cuidadosamente preenchidos. A Assessora para Orçamento solicitou a colaboração do D. P. para o citado serviço, em virtude de se tratar de assunto específico de pessoal, demandando a sua execução minuciosa e extenso trabalho. Os formulários em apreço deveriam conter informes conforme discriminação abaixo:

ANEXO III: CARGOS EM COMISSÃO (Denominação e numérico dos cargos preenchidos e vagos)

ANEXO IV: FUNÇÕES GRATIFICADAS (Denominação e numérico das preenchidas e vagas)

ANEXO V: CARGOS ADMINISTRATIVOS do Q.P. (Denominação e numérico dos preenchidos e vagos)

ANEXO VIII: Despesa efetuada com os Cargos em Comissão.

ANEXO IX: Despesa efetuada com as Funções Gratificadas.

ANEXO X: Despesa efetuada com Pessoal Docente do Q.P. discriminada por cargo e por sub-destinação, ou seja: Vencimentos, gratificação de quinquênios, gratificação por tempo integral, salário-família, etc.

ANEXO XI: Idem, referente ao Pessoal Técnico Científico do Q.P.

ANEXO XII: Idem, referente ao Pessoal Administrativo do Q.P.

ANEXO XIII: Despesa efetuada com o Pessoal Docente regido pela CLT.

ANEXO XIV: Idem, referente a serviços técnicos.

ANEXO XV: Idem, referente ao Pessoal Administrativo regido pela CLT.

Os Anexos VI e VII discriminavam o resumo das despesas com Pessoal, por sub-destinação e por exercício (1969, 1970 e 1971). O somatório de todos os demais anexos deveria coincidir com o total das despesas contidas nos de números VI e VII.

A finalidade precípua do mencionado trabalho é o exame do pleito da Universidade relativo à Verba para pagamento do Pessoal.

Revolução

O transcurso do oitavo aniversário da Revolução de 1964 foi amplamente comemorado no âmbito da Universidade Federal de Pernambuco. Os festejos culminaram com as conferências do Reitor Marcionilo Lins, na Televisão Universitária, e do Professor Armando Samico, Pró-Reitor de Assuntos Comunitários, no auditório da Reitoria.

Por iniciativa dos respectivos diretores, as Unidades participaram também da programação, com a realização de palestras e outros atos alusivos à data.

INTERESSE

Com o auditório inteiramente tomado, numa prova eloquente do interesse que o assunto despertou, o Professor Armando Samico fez um retrospecto das diversas fases da Revolução de 1964, salientando que se faz necessária uma análise completa sobre o assunto, pois, alguns têm refletido apenas em torno de aspectos que não expressam os pontos positivos da Revolução como um todo.

A mensagem do Reitor, Professor Marcionilo de Barros Lins, na íntegra, é a seguinte:

— É necessário que o Reitor da Universidade Federal de Pernambuco venha falar, na data de hoje, ao mundo universitário e à comunidade em geral. É necessário que venha, de público e pessoalmente, significar aos heróis de 31 de março de 1964, e aos seus continuadores na obra da manutenção das tradições mais gloriosas da Pátria, os sentimentos de profundo respeito e a gratidão dos que laboram nas atividades educativas. E porque é necessário que o Reitor dê seu testemunho em nome da Universidade, aqui está nossa palavra que é sobretudo uma expressão de fé no futuro do Brasil.

31 de março tem aquele sentido de independência que recentemente salientamos, na aula inaugural dos Estudos de Problemas Brasileiros: marca uma afirmação da vontade do povo. 1964, como 1822, foi um ponto final em situação indesejável, demonstração de fibra e fidelidade ao nosso destino de homens livres, destino este cuja semente foi plantada nos morros e grotões da terra pernambucana dos Guararapes. Nos pântanos dos Afogados e na campina do Taborda. Só mais tarde em Minas, e, logo depois, novamente em Pernambuco, nas ruas do Recife que viram, horrorizadas, a cabeça do Padre João Ribeiro exposta, como castigo, pelo frêmito heróico de liberdade que vibrou nas veias dos homens de 1817. Mudadas as circunstâncias, viu-se o Brasil ameaçado gravemente, em 1964. Não se tratava do problema da independência política, apenas. Por este aspecto, estávamos às vésperas de ser atrelados ao sistema marxista, como um satélite, entre os tantos existentes. Havia, porém, fatores de maior gravidade pairando, como abutres, sobre a Pátria. Em 1822, a formação cristã do povo brasileiro não estava ameaçada. Não campeava a terrível anarquia econômica e financeira que economistas de conceito no mundo inteiro chegaram a considerar insolúvel. Não havia perigo de que instituições como a família e a propriedade se esfacelassem na desordem. Não existia, enfim, a importância política, militar e econômica que o mundo moderno atribuiu à unidade do continente americano.

O movimento revolucionário de 1964 foi continuação e reformulação do de 1822, em maior amplitude social e similar importância política. Mas não foi isto somente. Filosofia nova de governo implantou-se, refletida em todos os setores da vida nacional. Basta lembrar recente pronunciamento de S. Excia. o Ministro Jarbas Passarinho, na reunião dos empresários nacionais no Rio, na 3a. CONCLAP. Em 1960, cada grupo de cem mil brasileiros contava apenas com 132 estudantes universitários; hoje conta com 600, perto de 5 vezes mais, número que quase iguala o da França, país, como se sabe, desenvolvido, e com uma tradição sete vezes centenária na área dos estudos superiores. O Brasil tinha, em 1960, 95.691 estudantes universitários; em 1971, 530 mil, quase seis vezes mais. São números que retratam a realidade das preocupações dos governos revolucionários dos marechais Castelo Branco, Costa e Silva e do presidente Emílio Garrastazu Médici.

Homenageamos os dois primeiros presidentes, já mortos, e, na evocação grata de seus nomes ilustres, todos os demais brasileiros que se empenharam na Revolução e não se encontram vivos, hoje, para verem os frutos sazonados de sua semente. Voltemos nosso pensamento respeitoso para Castelo Branco, e Costa e Silva, que enfrentaram momentos difíceis e, não obstante, mantiveram no alto a bandeira da Revolução. Olhemos, porém, para o presente e para o futuro reconhecendo no presidente Médici o guardião das conquistas revolucionárias e o impulsionador do progresso do Brasil. Nunca lhe seremos bastante reconhecidos pela compreensão da importância da educação no processo desenvolvimentista que atravessamos. O fato de o presidente Médici ter dotado o Ministério da Educação e Cultura com verba mais substancial do que qualquer outro Ministério dá a dimensão da importância que o Governo atribui à Educação. Lembremos aqui que a implantação da reforma universitária, obra das mais importantes para o país, constituiu, desde 1964, preocupação permanente. Vivemos hoje os momentos de sua total implantação.

Nós, da Universidade Federal de Pernambuco, procuramos honrar esta prioridade revolucionária, em todos os setores da atividade educativa. Os Professores apurando conhecimentos no ensino e na pesquisa; os estudantes buscando formar o espírito para melhor se empenharem no serviço ao Brasil; e, o funcionalismo, na atenção de todos os momentos aos problemas do enorme e difícil mecanismo que lhe cumpre administrar. Juntos, constituímos a população da Universidade Federal de Pernambuco e juntos aqui estamos para depor aos pés da bandeira da Revolução as nossas patrióticas homenagens de respeito e confiança no futuro do Brasil. Cada um de nós em seu setor é um soldado vigilante para que o Brasil siga em paz e a salvação, em busca do grande lugar que por direito lhe cabe, entre as nações desenvolvidas do mundo livre.

Administração de Unidades Debatida Durante Seminário

A Universidade Federal de Pernambuco realizou, entre os dias 20 e 24 de março, o "Seminário Sobre Administração de Unidades Universitárias", que contou com a participação de inúmeros Professores, além de debatedores e expositores.

Todas as exposições foram ouvidas com a maior atenção e os debates se desenvolveram sempre de maneira elegante e calorosa, o que representou a verdadeira participação de todos os presentes. As sessões foram realizadas no período da tarde.

ASSUNTOS

No dia 20, foram debatidas as questões ligadas à "Administração Acadêmica". A primeira exposição, denominada "Catálogo Escolar", ficou a cargo do dr. Meyer Mesel, seguido das questões sobre "Ciclo Geral e Sistema de Créditos", esta sob a responsabilidade do dr. Teófilo Vasconcelos. Enquanto os problemas do "Controle Acadêmico, Espaço Acadêmico e Administração do Corpo Docente", foram expostos pela dra. Maria Antonia Mac Dowell.

"Administração do Pessoal Técnico-Administrativo" foi o assunto geral das discussões do dia 21. O primeiro expositor foi o dr. Francisco Dário Mendes da Rocha, que falou sobre a "Visão Geral da Política do Pessoal do Governo", enquanto o sr. Townley Acceti Rezende, fez a "Observação Sobre a CLT e Legislação Complementar". O sr. Pedro Lincoln Carneiro Leão expôs os "Problemas do Pessoal Remunerado Contra Recibo e as Disposições Sobre o Assunto" e os "Problemas do Pessoal Estatutário", foram demonstrados por Ceres Maria Pereira de Souza Leão, Célia Lira Paulo e Maria José Lemos.

OUTROS ASSUNTOS

No dia 22, sob o título geral de "Administração Financeira, Orçamentária, do Material e Administração Geral", foram debatidos os assuntos ligados à "Administração Financeira e Orçamentária", apresentados pela dra. Ana Maria de Cerqueira Antunes, "Administração do Material", pelo dr. Robson Pôrto da Silva Dôres e "Administração Geral", pelo dr. Fernando da Costa Carvalho.

Enquanto isso, o primeiro expositor do dia 23 foi o dr. José Carneiro Leão, que falou sobre o "Curso de Aperfeiçoamento e Especialização", enquanto o dr. Paulo Maciel expôs as questões do "Centro Regional de Pós-Graduação" e "Intercâmbio Científico". Tudo subordinado ao título geral de "Cursos de Pós-Graduação e Intercâmbio Científico".

ENCERRAMENTO

No dia do encerramento, 24 de março, foram debatidas as questões relativas à "Integração Comunitária", tendo o dr. Djalr de Barros Lima falado sobre "Assistência ao Estudante" e o dr. Agenor Peixoto, utilizando slides, expôs os problemas do "Crutac-Pe". Ainda neste mesmo dia, falaram os drs. Expedito de Albuquerque Fonseca e Dias da Silva, respectivamente sobre a "Integração Universidade-Empresa" e "Instituto Euvaldo Lodi".

Projeto Estuda as Normas Linguísticas em Capitais

Em agosto de 1963, realizou-se em Cartagena — Colômbia — um Simpósio Linguístico, onde foi fundado oficialmente o PILEI — programa interamericano de linguística e estudo de idiomas — visando ao estudo coordenado das várias normas linguísticas das zonas Ibero-Americana e Península Ibérica.

Devido à importância do programa, outras instituições mundiais mostraram interesse de participar do referido programa e foram oficialmente escolhidas. Entre outras escolheram-se a Universidade de Barcelona, Instituto Caro y Cuervo, de Bogotá, Universidade de San Marcos, em Lima, Ofines de Madrid etc. Estas instituições, responsáveis pelo projeto, guardaram desde o início, a esperança de que investigadores de Portugal e do Brasil dele fizessem parte.

PROJETO NO BRASIL

Em 1968, o Professor Nelson Rossi da Universidade Federal da Bahia participou do IV Simpósio PILEI, na cidade do México, onde apresentou um documento sobre a possibilidade da aplicação daquele programa no Brasil, que passaria a chamar-se de projeto de estudo da norma linguística culta de algumas das principais capitais do Brasil.

Cinco capitais brasileiras foram escolhidas para participar dessa pesquisa: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Pôrto Alegre. Coube, no Recife, à coordenação do projeto ao Professor José Brasileiro Villanova, titular de língua portuguesa do Instituto de Letras da Universidade Federal de Pernambuco.

Até o momento, o programa, no Brasil, já realizou quatro reuniões: Pôrto Alegre, novembro de 1969; Capivari, S. Paulo, agosto de 1970; Recife, abril de 1971; e Rio de Janeiro em outubro de 1971.

OBJETIVOS DO PROJETO

O projeto objetiva o levantamento da língua média culta no Brasil. O estudo será baseado na língua falada por pessoas cultas. Para isso, cada cidade participante realizará 400 horas de gravações, perfazendo um total de 600 informantes, homens e mulheres, de faixas etárias diferentes.

O material recolhido deverá ser analisado, em uma primeira etapa, sob alguns aspectos, como fonética, fonologia, morfologia e sintaxe. O conhecimento preciso do falar das grandes cidades brasileiras é relevante, pois servirá como ponto de referência para o estudo das modalidades regionais com ela relacionadas.

EQUIPE DO RECIFE

A equipe do Recife constituiu-se de Professores do Instituto de Letras da UFPE, tendo como coordenador José Brasileiro Villanova. Além de outros como Glécia Benvidio Cruz, Maria Núbila Câmara Borges e Maria da Piedade Moreira de Sá. Também participarão alunos do Instituto.

Manual de Normas Asseplan Aprova

O Departamento Geral de Administração elaborou e foi aprovado pela Asseplan o Manual de Normas Internas que disciplinará todo o sistema administrativo da Universidade.

A primeira etapa a ser lançada abrangerá Compras, Serviços e Obras, Licitação, Registro Cadastral de Habilitação de Firmas, Almoxarifado, Requisição de Material, Itens de Estoque.

Esse Manual será entregue a todas as Unidades, Departamentos, Divisões e Seções da Universidade.

Seu lançamento verificou-se este mês.

— 0 —

A Comissão destinada a proceder o levantamento, tombamento e avaliação dos bens patrimoniais da UFPE, apresentou ao Magnífico Reitor, por intermédio do Departamento Geral de Administração, o planejamento para execução do referido trabalho, bem como normas para a reorganização da Seção de Patrimônio da Divisão de Patrimônio e Serviços Gerais da UFPE.

Encontra-se em fase de preparação na Divisão de Patrimônio e Serviços Gerais, o planejamento para a organização da Seção de Serviços Gerais daquela Divisão.



JORNAL UNIVERSITÁRIO

Reitor: Professor Marcionilo de Barros Lins

Diretor do DEIC: Professor Ariano Suassuna

Editor Geral: Manoel Neto Teixeira

Secretário de Redação: Carlos Garcia

Repórteres: Angela Delouche, Moacir Castro, Francisco Delgado, Raimundo Carreiro e Angelo Monteiro.

Diagramação: Josias Florêncio.

Editado mensalmente pelo Departamento de Integração Comunitária (DEIC).

Livros, cartas e colaboração em geral de professores, alunos e pesquisadores da UFPE, devem ser enviadas para a redação do JU: edifício da Reitoria, 2.º andar, (DEIC) Cidade Universitária.

Integração

O Professor Armando Samico é o novo Pró-Reitor para Assuntos Comunitários da Universidade Federal de Pernambuco. Sua posse ocorreu em cerimônia realizada no dia 27 de março último, no auditório da Reitoria, sob a presidência do Reitor Marcionilo Lins. Ao ato compareceu grande número de autoridades civis, militares e universitárias. Entre outras, registramos: General Bento Magalhães, pelo IV Exército; representantes do III Distrito Naval, do Prefeito do Recife e Secretário da Educação do Estado; presentes também o senador Wilson Campos e o deputado federal Marcos Maciel.



PRESENÇA DE SAMICO É REAFIRMAÇÃO

Miscelânea

PATOLOGIA

A Reitoria da UFPe. aprovou a contratação, por um período de seis meses, do neuro-patologista colombiano, Professor Gabriel Toro, para completar a equipe do Conselho de Aperfeiçoamento e Futuro Mestrado em Anatomia Patológica.

ESPECIALISTAS

A coordenadoria da Pós-Graduação e Estatística está fazendo gestão no sentido de que a SUDENE colabore efetivamente para que a UFPe. possa contratar dois especialistas em Teoria das Decisões e Processos Estocásticos.

INSTALAÇÃO

O Reitor Marcionilo Lins concordou em assinar documento conjunto com o Superintendente da SUDENE e a Organização dos Estados Americanos, pedindo a instalação de uma sub-sede do CIENNES — Centro Interamericano de Estatística, no Recife, de acordo com a fórmula elaborada na reunião entre o Pró-Reitor Paulo Maciel e os representantes do Departamento de Recursos Humanos e da Assistência Técnica da Sudene.

ALIMENTOS

Representantes da Usaid, Misters Haroldo Rice e Richard Lockwood, de Washington, visitaram o Instituto de Nutrição da UFPe., ocasião em que o seu diretor, Professor Alvaro Vieira de Melo, convidou-os para tomar parte de uma reunião de âmbito nacional, que discutirá quais os elementos brasileiros a serem utilizados no programa de alimentos para o desenvolvimento, que deverá substituir os gêneros norte-americanos pelos brasileiros.

CENTRALIZAÇÃO

Consta da programação do Hospital das Clínicas (Pedro II) a centralização dos ambulatórios, na área térrea do Hospital. Com esta medida, será possível a concentração dos docentes especializados, lotados atualmente em ambulatórios dispersos, ensejando uma política de integração funcional.

MÚSICA

Sucesso da Orquestra de Câmara Armorial nas suas apresentações em São Paulo e Porto Alegre, sob a coordenação do dramaturgo Ariano Suassuna. Imprensa e público prestigiaram em cheio a orquestra pernambucana, que vem inovando o mundo musical, introduzindo o movimento armorial criado pelo Professor Ariano, inicialmente na Literatura, e agora nas artes plásticas e na música.

AJUDA

O Governo do Paquistão solicitou ao Instituto de Nutrição da Universidade Federal de Pernambuco exemplar de um modelo detalhado das instalações, equipamentos e arquitetura deste Instituto. Justificando a solicitação, esclareceu que realiza esforços no sentido de implantar no Paquistão um Instituto de Nutrição semelhante ao da UFPe., tendo em vista a repercussão, no Exterior, das atividades da equipe chefiada pelo cientista Nelson Chaves.

CONGRESSO

Viajou para Houston, no Texas, a fim de

participar do IX Congresso Pan-Americano de Oftalmologia, o Professor titular de clínica oftalmológica da Faculdade de Medicina da UFPe., Clóvis de Azevedo Paiva. Por ocasião da abertura do Congresso, o Professor Clóvis Paiva, que foi especialmente convidado, discursará na sessão inaugural em nome dos oftalmologistas de língua portuguesa.

ATENDIMENTO

O serviço de triagem da Faculdade de Odontologia da UFPe. iniciou atendimento ao público em geral no horário de taxas mínimas. Em 1971, atendeu média de 2.659 pacientes nas diversas modalidades; as previsões de atendimento para 1972 ultrapassarão o total do ano passado. A triagem, através do exame geral, encaminha o paciente para outras cadeiras, onde será convenientemente tratado. O chefe do serviço de triagem, Professor Wilson Mota de Azevedo, esclareceu que os pacientes reconhecidamente pobres são atendidos gratuitamente.

PLANEJAMENTO

O escritório técnico de planejamento físico, da Prefeitura Municipal do Recife, presta colaboração ao departamento de planejamento da Faculdade de Arquitetura da UFPe., fornecendo dados, plantas e material didático necessários às atividades desenvolvidas naquela Unidade. O ETPF é dirigido pelo arquiteto Zenildo Sena Caldas, da Prefeitura.

CURSO

A Escola de Engenharia da Universidade Federal de Pernambuco, por intermédio do seu Departamento de Hidráulica, realizará no período compreendido entre 1 de agosto a 31 de outubro do corrente ano, um Curso de Aperfeiçoamento, em nível de Pós-graduação, em Engenharia Hidráulica, preparatório para o Mestrado.

O Coordenador, Prof. Abelardo Montenegro, conuiu para participar do Corpo Docente do referido Curso, além de Professores do Departamento de Hidráulica, competentes profissionais dos quadros de engenheiros da Sudene e da Associação Brasileira de Cimento Portland e eminentes Professores da Universidade de São Paulo, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e da Universidade de Toulouse, na França.

CONGRESSO

Recife será sede da 3a. Reunião do Colégio Brasileiro de Cirurgia e Traumatologia Buco-Maxilo-Facial no período de 17 a 22 de julho próximo, onde esperam os especialistas se reencontrarem para participar não apenas da parte científica como também do vasto programa social que está sendo cuidadosamente elaborado. O local será o novo Pronto Socorro.

REABILITAÇÃO

A Faculdade de Medicina da UFPe. transferiu a secretaria dos cursos de Reabilitação para as instalações da clínica ortopédica do Hospital das Clínicas, que funciona atualmente no Hospital de Santo Amaro. A mudança possibilitou melhores condições de instalação para aqueles cursos.



Depois da abertura da sessão, pelo Magnífico Reitor, o Prof. Lucilo Varejão Filho procedeu à leitura da ata de posse. Logo a seguir, fez uso da palavra o Prof. Agenor Peixoto, que respondeu interinamente pela Pró-Reitoria em lugar do Professor Artur Coutinho. Em sua saudação ao novo Pró-Reitor, ressaltou sua experiência na direção de vários órgãos e repartições públicas, estando, em razão do seu mérito e do seu valor, devidamente creditado para o trato da coisa pública, e ninguém, por isso, mais autorizado do que ele para dirigir, com eficácia, a Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários.

Logo após a palavra do Prof. Agenor Peixoto, falou o Professor Lauro de Oliveira, representando o Secretário de Educação e Cultura, que ressaltou na ocasião a atividade pública desempenhada pelo Pró-Reitor, ora empossado, em vários outros órgãos públicos, notadamente na direção da Secretaria de Segurança Pública, sendo, aliás, o único civil, no período imediatamente posterior à Revolução de 31 de março, que recebeu do Poder Público a confiança para dirigi-la, sem falar na sua especialidade em problemas de entorpecentes e do seu trabalho na Coordenadoria de Moral e Civismo.

Depois de agradecer as palavras dos oradores que o antecederam, o Prof. Armando Ribeiro Samico disse que sua presença nesta Universidade, neste momento, tem um sentido de reafirmação: reafirmação de

sua confiança nos destinos da Universidade, para cumprir e fazer cumprir a política cultural e a política assistencial das metas do Reitorado do Prof. Marcionilo Lins. Lembrou, ainda, a amizade que o ligava ao Magnífico Reitor, bem como o seu gesto de confiança ao convidá-lo para assumir o cargo de Pró-Reitor para Assuntos Comunitários. Garantiu que, entre outras reafirmações, estava, primacialmente, a de reafirmar as tradições de homem público que não espera cargos ou poder, mas uma possibilidade apenas para melhor servir à comunidade. Como Pró-Reitor pretende dar especial ênfase às metas prioritárias imprimidas à Universidade pelo Prof. Marcionilo Lins, entre as quais está uma integração cada vez maior da comunidade universitária, incluindo alunos e Professores; uma dinamização da política assistencial; uma expansão da política cultural; e, sobretudo, uma compreensão dos estudantes em suas necessidades e aspirações, através de um amplo e sincero diálogo com eles. Esperava, também, uma dinamização do processo de interiorização da Universidade. E como, para ele, o conceito da Universidade assenta-se no princípio de unidade, de comunidade e de universalidade, ele quer sempre ver nela uma comunidade orgânica, uma comunidade de sangue, um grande corpo de Professores e alunos integrados na mesma busca e no mesmo destino. Pretendendo reafirmar, cada vez mais, os propósitos de integrar, integrando-se, para o progresso da Universidade. Por

isso, acrescentou o Prof. Armando Samico, espera, com a formação médica que possui, estar sempre de portas abertas para receber o sangue novo e generoso dos estudantes, que representa para ele a alma generosa desta Universidade. E dizia todas essas coisas com a sinceridade que deve usar um Professor, sinceridade essencial no exercício de sua profissão. Assumia, por isso, tranquilo o cargo de Pró-Reitor para Assuntos Comunitários, tranquilo porque confiava em Deus. E mesmo admitindo a consciência das suas limitações e a certeza da fragilidade humana, pretendia servir à Universidade Federal de Pernambuco como ela pede para ser servida.

Terminado o discurso do Prof. Armando Samico, — que, contrário à praxe usual não foi lido mas improvisado, e com bastante segurança em suas palavras, — o Magnífico Reitor, encerrando a sessão, agradeceu a presença de todos, estendendo seus agradecimentos ao Prof. Artur Coutinho, que exercera, por interinidade, o mesmo cargo agora ocupado pelo Prof. Armando Samico, enaltecendo-lhe a dedicação e o sacrifício no exercício do cargo. Agradecia, também, ao Prof. Agenor Peixoto, que momentos antes estava assumindo a Pró-Reitoria. Elogiou, finalmente, o Prof. Armando Samico, dizendo que o currículo de serviços por ele prestados em Pernambuco o creditava como um verdadeiro líder que é, e que, por isso, faria o melhor para que a Universidade atingisse os seus fins.

Modernismo Brasileiro

Analisado em Mesa Redonda

O Centro de Problemas Brasileiros, dirigido pelo Professor Joel Pontes, realizou, no dia 10 deste, na Televisão Universitária, Canal 11, uma mesa redonda sobre o Modernismo brasileiro. O programa teve a duração de uma hora e meia, significando ao mesmo tempo uma homenagem dentro da programação da UFPe. relativa ao Sesquicentenário da Independência.

Participaram, como convidados especiais, os escritores, pintores e músicos: Raimundo Carreiro, Lucilo Varejão, Manoel Maria de Araújo, Cyl Gallindo, Wellington Virgulino, Hélio Feijó, maestro Vicente Fittipaldi, Gerardo Parente, Edson Bandeira de Melo, além de Carlos Ranulfo.



"Villa-Lobos foi quem se aproveitou da Semana".

A SEMANA NÃO EXISTIU

Imediatamente, o pintor Hélio Feijó voltou a falar, afirmando que Cyl Gallindo estava enganado. E reafirmou: "A Semana foi que se aproveitou dele. Porque a Semana não existiu, a Semana aconteceu. Guiomar Novais, por exemplo, deveria tocar Chopin durante seu recital e disseram: "não, toca Villa-Lobos". E ela tocou Villa-Lobos.

Em seguida, falando sobre as influências que agiram sobre o Modernismo, esclareceu: "Houve muita influência francesa. A gente "bebia" na França. Toda a nossa formação era francesa, alemã". Dito isso, o maestro Vicente Fittipaldi pediu um aparte para dizer que a "influência veio também dos italianos".

MARINETTI

"Também houve influência da Itália", afirmou Hélio Feijó. Acentuou que essa influência veio de Marinetti, mas o movimento do poeta italiano "fracassou porque ele pretendia uma analogia com a máquina, mas a máquina fazia açúcar, fazia tecidos, e a poesia dele não fazia nada além da tentativa. Por isso foi abandonada em todo o mundo".

"Marinetti, entretanto — aduziu — teve o mérito de dar o primeiro grito. Mas essas influências não querem dizer que o Modernismo foi movimento estrangeirado. A Arte Moderna nasceu dessa brasilidade que veio do grito de Dom Pedro. Quer dizer, dessa noção de que nós brasileiros existimos. E devíamos surgir no mundo que girava em torno de um grupo europeu que comandava o mundo em todos os seus sentidos, inclusive o econômico".

INFLUENCIA

O maestro Vicente Fittipaldi falou em seguida, ressaltando que "o curioso na Semana de Arte Moderna, em música, é a influência que ela veio trazer a músicos que vieram depois de Villa-Lobos. Camargo Guarnieri, esse sim, é um influenciado, por intermédio do proselitismo de Mário de Andrade. Também isso aconteceu com Lourenço Fernandes".

O Professor Edson Bandeira de Melo pediu um aparte, nesse instante, para afirmar que "concordo com o Hélio Feijó, no sentido de que a Semana de Arte Moderna se aproveitou de Villa-Lobos, justamente por ele ser um artista completamente independente. Aliás, Villa-Lobos criava mais por uma impulsividade, por um, digamos assim, instinto de criação e que não tinha uma forma musical sólida e acadêmica. No entanto, ela podia, inclusive, levar a música a se espalhar em nosso Brasil com a força internacional".

CONCLUSÃO

O escritor Joel Pontes, interrompeu os debates, para chegar à primeira conclusão. Disse: "Bom, pelo que eu estou vendo, vocês situaram o Modernismo como um produto estrangeiro que se aclimatou e depois se nacionalizou". Essa tese não foi aceita por Hélio Feijó.

O pintor pernambucano reagiu: "Não não é isso não. Foi uma afirmativa de brasilidade, de nós brasileiros. Agora, nós "bebíamos na França. Porque aqui já havia bons pintores, muito antes da Semana de Arte Moderna. Vicente do Rêgo Monteiro expôs em São Paulo, em 1919".

VICENTE

O pintor Wellington Virgulino interferiu, perguntando a Hélio Feijó se "o que você disse de Villa-Lobos não podia incluir também o Vicente? Porque a Arte Moderna também se aproveitou dele". Hélio Feijó esclareceu que não era o mesmo caso.

"Pelo seguinte: para os paulistas — disse — o Norte não existe. E Vicente era do Norte". Cyl Gallindo, apoiou Wellington Virgulino, dizendo: "Eu concordo com Wellington, porque do mesmo jeito que a Semana se aproveitou de Villa-Lobos que já tinha uma música feita, própria, aproveitou-se de Vicente do Rêgo Monteiro pelas mesmas razões".

ESTRANGEIRADA

Entretanto, o Professor Joel Pontes tomou a palavra para afirmar: "Mas há uma diferença: a música de Villa-Lobos não era uma música estrangeirada e a pintura de Vicente tinha qualquer coisa de estrangeiro". Hélio Feijó esclareceu que Vicente do Rêgo Monteiro, inicialmente, "expôs as suas aquarelas de índios".

"Aí teríamos, então, dois problemas a focalizar", disse Joel Pontes. "Digamos que

Vicente pintasse índios, está bem. Mas qualquer pintor francês não poderia também pintar o índio Brasileiro? Agora, trata-se da maneira como pintar, da sua técnica de pintura. A pintura de Vicente era francesa ou brasileira? E em Villa-Lobos a música era brasileira ou estrangeira?"

TÉCNICA

"Foi bom dizer isso" — interferiu o maestro Vicente Fittipaldi. Porque é preciso salientar que houve músicos da França que se aproveitaram de temas brasileiros com técnica eminentemente francesa". Joel Pontes interrompeu: "É isso. Pergunto aos pintores: Vicente fazia pintura de índios brasileiros, como músicos franceses fizeram música da França aqui no Brasil?"

A resposta foi dada por Hélio Feijó. Ele afirmou: "Olha, eu acho que não há bem essa coisa de pintura brasileira e pintura francesa. A cozinha de pintura é uma só. É só o camarada que nasceu pintor que sabe pintar. Cícero Dias começou a pintar sem nunca ter aprendido com ninguém. Ele pegou uma calça do irmão, uma calça de flanela, e pintou um quadro. Graça Aranha viu os quadros de Cícero, entusiasmou-se e premiou-o. Ai Cícero foi lançado. Nessa ocasião foram lançados também Murilo Mendes e Raquel de Queiroz. Assim eu digo: a cozinha da pintura sendo uma só, os pintores escolherão motivos que vão usar. A técnica da pintura é uma só em todo o mundo".

POETAS

Falou-se de Manoel Bandeira, no instante em que o coordenador da mesa redonda, Professor Joel Pontes, indagou se houve poetas pernambucanos no Movimento Modernista. A resposta foi dada por Vicente Fittipaldi: "Houve sim. Manuel Bandeira, por exemplo". O escritor Raimundo Carreiro salientou que "Bandeira participou ativamente da Semana de Arte Moderna, recitando poemas, principalmente, "Os Sapos".

Hélio Feijó esclareceu ainda que "todos os que fizeram a Semana de Arte Moderna já eram modernos. Mário de Andrade, já era. O Di Cavalcanti também". Ao que Vicente Fittipaldi acrescentou: "Mas Menotti del Picchia, antes era contra o movimento".

INJUSTIÇA

O escritor Raimundo Carreiro esclareceu que "Menotti Del Picchia, antes de aderir ao Modernismo, fez muitos ataques contra os poetas e escritores do movimento. E isso foi esclarecido pelo próprio Menotti em entrevista que deu a um jornal de São Paulo".

"Agora, uma coisa que estou achando injusta aqui — disse Raimundo Carreiro — é dizer que fulano aproveitou-se do Modernismo ou que o Modernismo aproveitou-se de tal poeta ou de tal músico ou escritor. Não houve nada disso. Aconteceu o seguinte: eles tinham idéias paralelas, mas depois juntaram-se, agruparam-se e fizeram o movimento".

ASCENSO FERREIRA

Depois de outras discussões sobre vários problemas, levantou-se a questão das influências que o poeta pernambucano Ascenso Ferreira teria ou não sofrido do Modernismo. Cyl Gallindo afirmou que "muito pelo contrário, Ascenso foi quem influenciou muito a Mário de Andrade e Manuel Bandeira. Aliás, isso pode ser comprovado, lendo a correspondência inédita trocada entre eles".

Joel Pontes indagou: "E não seria fácil encontrar-se essa correspondência?" Cyl Gallindo: "Não, não seria. Elas foram entregues a Joaquim Inojosa que deve publicar um livro analisando as cartas. E Joaquim Inojosa não entrega essas cartas a ninguém".

INTUIÇÃO

Em seguida travou-se uma calorosa discussão entre o escritor Raimundo Carreiro e Cyl Gallindo. Raimundo Carreiro afirmava que "Ascenso Ferreira foi, sobretudo, um poeta intuicionista. Fazia o que gostava de fazer, embora estivesse consciente do trabalho formalístico. Gallindo, entretanto, dizia que isso "não acontecia porque Ascenso Ferreira estava entrosado com todos os movimentos de arte do Brasil, inclusive, o Concretismo".

Raimundo Carreiro repliou afirmando que "isso não quer dizer que ele não tenha sido intuicionista. Ele sentia sua temática, seus caminhos e ao mesmo tempo procurava fazer sua poesia com técnicas modernas ou em moda".

Durante os intervalos dos debates, o pianista Gerardo Parente executou músicas de Villa-Lobos e de Camargo Guarnieri, enquanto eram exibidos "slides" de quadros de Vicente do Rêgo Monteiro, Wellington Virgulino, Hélio Feijó e Cícero Dias.

APRESENTAÇÃO

O programa foi apresentado aos telespectadores pelo Professor e escritor Joel Pontes que salientou a informalidade do encontro. Disse: "É uma mesa redonda informal, faço questão de acentuar isso, tanto assim que vim muito à vontade, vim como quis e os meus colegas vieram como entenderam — quem quis veio de gravata e patêto veio, quem não quis não veio".

E acentuou: "Essa questão de informalidade me parece absolutamente necessária para que nós não assumamos diante das câmaras uma atitude de artistas profissionais de televisão que nós não somos absolutamente. Então ficamos bem à vontade, todo mundo conversa, todo mundo fala".

CENTRO DE PROBLEMAS

Salientou, por outro lado, que "esse programa, essa mesa redonda é patrocinada ou organizada pelo Centro de Problemas Brasileiros da UFPe. O Centro que ainda está em organização, quer dizer, está se estruturando, vai administrar o programa de estudos de problemas brasileiros e muitas outras coisas, várias outras promoções, relativas ao título".

"Mas, enquanto o Centro se estrutura — disse — eu achei que não perdia tempo nenhum em começar a trabalhar e por isso organizei essa mesa redonda com o auxílio de vários amigos meus, artistas e intelectuais".

PERGUNTAS

Ao iniciar o programa, propriamente dito, o Professor Joel Pontes elaborou cerca de 18 perguntas para serem respondidas pelos participantes, livremente, da maneira que achassem conveniente. As perguntas não teriam que ser respondidas por estes ou por aqueles, mas de acordo com as conversas.

As perguntas foram: O Movimento foi movimento estrangeirado? Quais as suas fontes estrangeiras? Se não foi, quais as suas fontes nacionais? Em que trouxe be-

nefício à arte e à literatura nacionais? Ou não trouxe? Há alguma relação entre o Modernismo e a vida política e social do Brasil? Como? O Movimento Regionalista Tradicionalista, de Gilberto Freyre, deve alguma coisa ao Modernismo? Como relacionar o grupo católico da revista "Festa" ao Modernismo, que era todo de materialistas? Como concatenar as diversas facções em que o Modernismo logo se fracionou? Por que várias dessas facções foram políticas? O Movimento Armorial tem algum débito para com o Modernismo? E qual é o débito que o Regionalismo tem ou teria para com o Modernismo? Cassiano Ricardo ao se tornar Concretista agiu como Modernista? E rompendo com o Concretismo, ainda agiu como Modernista? A pintura sentiu-se constrangida com o pensamento de Mário de Andrade a respeito da pintura? Esteve condicionado à reação de Monteiro Lobato aos quadros de Anita Malfatti? Como se processou a luta entre pintores modernistas e impressionistas? Que devem os pintores modernos brasileiros aos europeus? E os atuais? Os de hoje, ainda sentem algum fluxo do Modernismo? A música de Villa-Lobos deu a tônica geral à música brasileira, impedindo-lhe ou sufocando-lhe outras experiências? O folclorismo impediu a imaginação do artista na música? O aparecimento de novos instrumentos foi bem visto? Qual a posição de Ernesto Nazareth ou de Zequinha de Abreu vendo isto? Quais os músicos modernistas de Pernambuco?

DEBATES

Os debates foram iniciados pelo maestro Vicente Fittipaldi. Ele afirmou que Villa-Lobos apareceu na Semana de Arte Moderna, realizada em 1922, em São Paulo, como "um corpo estranho. Ele tinha também um grande talento para se promover. Aliás, Villa-Lobos nunca foi um tipo gregário a movimentos. Ele tinha uma síntese musical própria, uma forma especial. Foi genial, criou formas para se expressar".

O pintor Hélio Feijó interferiu para afirmar que "a Semana de Arte Moderna aproveitou-se de Villa-Lobos para "fazer" uma música durante a semana. "Entretanto, o poeta Cyl Gallindo disse, em réplica que,

SALDANHA COMENTA CRISE DO DIREITO

Nelson Saldanha:

Professor de História das Idéias Sociais e Políticas no Curso de Bacharelado em História da UFPE, e no Mestrado em Sociologia.

Professor de Teoria do Estado na Faculdade de Direito da UFPE.

Professor de Sociologia na Universidade Católica.

Membro do Instituto Brasileiro de Filosofia.

Membro da Academia Pernambucana de Letras.

Livros Publicados:

O Problema da História na Ciência Jurídica Contemporânea (Imp. Universitária 1964).

História das Idéias Políticas no Brasil (Imp. Universitária — 1968)

Temas de História e Política (Imp. Universitária — 1969)

Sociologia do Direito (Rev. Tribunais, São Paulo — 1970).

1 — O Direito possui mais vínculos com a Moral ou com a Filosofia?

R — A formulação é incorreta, mas é oportuno corrigi-la. O Direito, como realidade social, como dimensão da vida coletiva, se liga à Moral. A ligação com a Filosofia, esta correspondente à Ciência-do-Direito, ou à Teoria-do-Direito. Muita gente, mesmo gente do campo dos estudos jurídicos, esquece esta distinção, e diz "o direito como ciência", o que é uma expressão errônea e descabida.

2 — É verdade que você tem uma teoria acerca do fato histórico como exemplaridade? Isto teria relação com o Direito?

R — "Teoria", mesmo é exagero. Escrevi umas notas interpretando a historicidade como exemplaridade, isto é: o caráter de histórico, que se atribui a um fato, equivale a figurar o fato como exemplo, e o destaque do fato histórico leva à sua fixação como exemplo. As coisas ditas clássicas são clássicas por conta de serem exemplo, e todo fato "bastante" histórico tende, num certo sentido, a ser clássico. A relação dessa idéia com a teoria do direito, não a analisei ainda. Mas como encaro o direito, e a teoria do direito, sob o prisma histórico, o problema poderá me interessar oportunamente.

3 — Pode nos dizer se existe uma crise no Direito?

R — A palavra crise, de que se tem abusado, deve ser usada com cautela. Desde o início do século se fala em crise da civilização, crise da moral, etc., quando na verdade são tipos ou sistemas que estão em crise: determinados tipos de civilização ou de moral. Do mesmo modo "o direito", em si, não está em crise; a crise é de determinados sistemas ou determinadas formas de direito, às quais, aliás, se vinculou historicamente a própria noção de direito. Mas, enfim, a história das coisas humanas é feita de crises. Crises são transformações, são traumas transformativos.

4 — Há, num de seus livros ("O Problema da História"), uma alusão a "teorias empertigadamente metafísicas". Que nos diz de tais teorias?

R — É uma alusão de passagem. Ali, digo que, sob o aspecto histórico, mesmo as conceituações que parecem mais desligadas de contextos sócio-culturais se revelam condicionadas. Não é que eu ignore o valor da metafísica. Valorizo-a. Mas valorizo-a como construção da mente humana, e as construções da mente humana só são integralmente compreendidas se situadas no contexto de tempo e de espaço onde surgem.

5 — Como estudioso de sociologia do Direito, acha que o direito condiciona a sociedade, ou é condicionado por ela?

R — Antes de mais nada, não sou especialista em sociologia do direito, que é um apenas entre meus interesses acadêmicos. E quero lembrar que já em 1832 um autor hoje injustamente esquecido, Matter, publicava em Paris um livro sobre a "influência dos costumes sobre as leis e a das leis sobre os costumes". Na verdade, a coisa é mais ou menos isto: todo sistema jurídico revela a sociedade, e mesmo os desajustes que o sistema carrega provêm de atitudes socialmente caracterizadas. Por outro lado — mas aí complementarmente, — o direito pode influir sobre condutas a ponto de condicionar fatos, criar situações e resultados, socialmente relevantes.

6 — Crê, como Rousseau, que o Estado é um contrato, ou — como Nietzsche — que ele é uma afirmação do poder?

R — Meu caro Ângelo Monteiro, esta pergunta é muito ampla e complexa. A especulação sobre a essência, a "origem" ou os fundamentos da ordem política tem sempre motivações especiais. E é difícil responder dentro da alternativa. Pelo seguinte: a hipótese do contrato, que vem da antiguidade e não foi obra de Rousseau (apenas ele lhe deu um tratamento especial), essa hipótese tem certas implicações ideológicas; ela aparece como contestação demo-liberal e individualista a situações totalitárias. E é mera hipótese que não pretende (nem comporta) comprovação positiva. Ora, deve ter



havido vários modos reais, concretos, pelos quais surgiram Estados. Quanto à afirmação do poder, que também já foi pensada por gregos, está igualmente ligada a inclinações doutrinárias. Nietzsche adotou-a como modo de confirmar sua tese de que a ética dos fortes se impõe sobre a dos fracos — ou deve impor-se. São, ambas, hipóteses condicionadas, entre as quais, hoje, a opção não se coloca como opção radical. A força influiu, é claro, na estruturação dos primeiros agregados políticos; mas o apelo à idéia do contrato vem como resposta da razão para regular, objetivamente, a órbita e o alcance do poder.

7 — Até que ponto as utopias têm influência sobre a ciência jurídica?

R — Escrevi uma vez que as utopias são "o sal dos projetos humanos". Elas se assemelham às heresias, que abrem respiradouros na tampa pesada das ortodoxias. A ciência jurídica, que é sempre um tanto conservadora, desconfia das utopias, mas cultiva algumas, conceitualmente, com o nome de presunções e ficções. Elas, as utopias, podem porém influir grandemente em certas ocasiões, como a ilustre utopia do direito natural por exemplo.

8 — Qual, a seu ver, a contribuição de Maquiavel para a ciência política? Seu pensamento representou evolução ou retrocesso?

R — Maquiavel (que ainda hoje é livro de cabeceira de muita gente boa, como é o caso do meu mestre Gláucio Veiga) foi um homem notável pela lucidez. Liberou a problemática política do viés teológico e ético, preparando a teorização moderna; liberou-se a si próprio da obsessão sistemática tratando certos temas de um modo no "Príncipe", de outro nos "Discursos". Seu pensamento foi, como saldo, principalmente renovador, embora certos críticos o considerem ainda muito romanista, isto é, ligado à idéia da grandeza itálica no sentido de Tito Lívio ou de Tácito.

9 — Concorda com a teoria de que os processos de criação musical estão mais próximos da abstração matemática do que das técnicas artísticas propriamente ditas? Em que consistiria então a originalidade da música?

R — Não sei bem, Ângelo. Sei que a música, como estruturação e como notação, tem relação com a matemática. Anatole France dizia que ela é filha da matemática e da imaginação. Mas acho que, por dentro do musical em senso formal (equilíbrio, timbre, harmonia etc.), está o musical como conteúdo. Neste aspecto, a música é uma motivação espiritual tão interior, tão vivencial, que pode ser valorizada distintamente (não "separadamente") da formulação externa.

10 — Que acha da permanência, ainda em nosso tempo, do modelo clássico europeu de música erudita, até mesmo com influência nas gerações mais novas de compositores populares?

R — Digo que acho ótimo. Só que não sei se é tanta esta permanência (ou esta influência). Ela ocorre, mas não é regra geral — infelizmente! Queria que ela ocorresse em escala maior. As vezes ela ocorre como barateamento: é o exemplo das sinfonias "adaptadas" por Valdo de los Rios, cujo mérito porém não nego. Por outro lado, não creio muito no interesse das gerações novas na música erudita como tal; falo em termos globais, é claro. Elas preferem musiquinha comum.

11 — Vê distinções entre cosmopolitismo e universalismo, em termos de orientação estética?

R — Temo que muito, nas distinções que aí caibam, seja verbal. Poderia dizer que o cosmopolitismo é uma soma de elementos de vários povos; o universalismo uma síntese. Ou, que o cosmopolitismo em arte vem de vivências pessoais: o artista "viajado" faz-se cosmopolita combinando influências. Enquanto que o universalismo seria um certo grau de objetividade, alcançada na obra, etc. Mas quando se alcança tal objetividade, corresponde-se a um padrão crítico, que é relativo: o universal de ontem pode ser considerado universal amanhã. E vice-versa, talvez.

12 — Você trabalha com consciência e segurança a palavra poética. Que diz acerca de suas relações com a poesia?

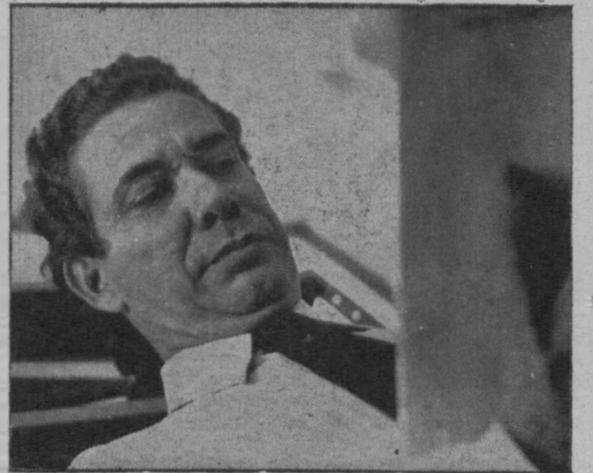
R — Não sei se tenho tanta segurança. Consciência creio que tenho. Faço poesia esporadicamente, mas no fundo gostaria de fazer mais. No fundo (vá lá, já que isto é um confessional), no fundo me considero um tanto músico e um tanto poeta. Quanto às relações com a poesia: considero toda obra poética um contacto com o mistério; a palavra poética funciona como desveladora do mistério e ao mesmo tempo como acentuadora dele. A poesia é uma verbalização quase ritualizada do real, mas um real transfigurado, ou seja, atravessado entre o dado concreto (as coisas) e a figuração misteriosa em que se acha (ou que se inventa) por trás dele. Ou por dentro dele. Por isso poesia muito clara não tem graça; e poesia muito hermética demais, também não.

13 — Afora seu possível livro de poemas inédito, tem atualmente algum livro em preparo?

R — Não tenho livro de poemas inédito. Tenho poemas esparsos, que, reunidos, poderiam dar um livro. Tenho um ensaio sobre a "Escola do Recife", inédito, e alguns estudos pensados, dos quais algum pode virar livro. Mas, tudo ainda muito cru, muito em embrião, ou antes, em projeto.

14 — Acha que existe um progresso ou uma queda no pensamento religioso contemporâneo? Tal progresso ou queda teria vindo como resultado de elaborações ou da influência das filosofias existenciais?

R — Este é um assunto de que não entendo muito. Mas me parece que o pensamento religioso, nos tempos contemporâneos, não é mais aquilo que era em outros séculos. O padrão intelectual vigente não comporta o tipo de pensamento religioso que caracterizou a época de um Agostinho, ou mesmo de um Bossuet, ou de um Schleiermacher. Se isso é queda ou não, é questão de ângulo. Quanto às influências, creio que em parte os



novos modos de fazer teologia vêm de elaborações próprias. Houve influências existencialistas, sim, vindas de Heidegger ou Jaspers; mas também houve outras influências e outras motivações.

15 — Concorda com o que diz Hermann Hesse, em seu livro "O Jogo das Contas de Vidro", que a nossa época é uma época Folhetinesca?

R — Não li este livro de Hesse. Mas até certo ponto aceito a afirmação. A produção intelectual depende de condições históricas e de contextos culturais. O tipo de vida levado pelos homens de hoje, acotovelados e automatizados, não comporta vida intelectual no sentido clássico do termo. Aliás creio que a metade dos problemas da humanidade, atualmente, advêm dos excessos de população e da pressão da quantidade sobre a qualidade. E outro aliás: o tipo de vida da juventude que hoje "contesta" a sociedade industrial também não comporta aquele sentido de vida intelectual; porque ela aceita o pior da sociedade industrial, que é a massificação da cultura. Não pode haver cultura autêntica num ambiente onde os jovens procuram apresentar-se padronizadamente sujos e num "descontraimento" estandardizado.

16 — Em que consiste a notoriedade intelectual?

R — A notoriedade pode ser um destaque específico, dentro de uma área, ou uma imagem pública complexa. Pode provir de méritos pessoais, ou de uma convergência de fatores. Infelizmente — e você sabe bem disso — a limitação geográfica existe, e no Brasil o autor de província é ainda um marginalizado, já que os maiores meios de comunicação estão no Sul do País. Muitas vezes a notoriedade política e social prima sobre a cultural. Esta é difícil de obter pelo mérito. As igrejinhas e grupinhos estão aí, e fazer vida intelectual sem aderir a figurações maiores é sempre coisa muito difícil. Em certos casos, a notoriedade aparece em torno de um nome por onda de jornal ou badalação momentânea, mas o consolo é que este tipo de destaque é passageiro.



O Dr. FRANCISCO DARIO MENDES DA ROCHA, bacharel em Direito, laureado de turma, ex-diretor de empresa, pintor e poeta nas horas vagas, é também Diretor do Departamento de Pessoal da UFPE. Conversar com ele sobre assuntos gerais é ter um interlocutor de posições extremamente pessoais, às vezes polêmicas, mas sempre inteligentes. Na entrevista abaixo, o leitor encontrará algumas das suas posições artísticas, filosóficas e religiosas que, por questão de espaço, não puderam ser ampliadas.



Dario Dirige DP

Mas Cultiva Artes

Nas Horas Vagas

1 — Sabe-se que o senhor assumiu o Departamento de Pessoal num momento difícil. Pode falar sobre o seu trabalho e se gosta dele?

RESP.: Primariamente, não se trata de gostar. Já que sou diretor, tenho de sê-lo da melhor forma possível. A melhor forma, para mim, não é a que mais agrade, nem mesmo a que mais agrade à maioria; é a em que em vez de couves eu plante carvalhos, em que na direção do ótimo realize o maior número de coisas boas, em que possa diminuir praxes e concepções erradas e implante correções. Não sou perfeccionista e nem platonicamente penso em transformar o DP em modelo, mas vou à frente com a certeza de realisar coisas em profundidade.

Estamos vivendo uma época administrativa de profundas mutações e a direção de pessoal, tanto quanto o próprio pessoal, deve estar imbuída de uma certa dose de compreensão e espírito de sacrifício, a par de conhecimento e identificação com a política do governo para o assunto.

Na conjuntura, minha atividade se coloca na seguinte linha; a) estudar uma série de providências no sentido de estabelecer critérios uniformes e globais de conduta na prática administrativa; b) efetivar medidas gerais para implantação desses critérios; c) dotar o D.P. da estrutura necessária ao bom atendimento dos servidores. Como providências insertas em tal contexto, posso referir que, entre outros, estão sendo providenciados os seguintes trabalhos: estudo das lotações real e ideal, em função do plano de classificação; medidas relativas à ascensão e progressão; contratação dos ex-recibados amparados pela Portaria MEC-609/71; estudo da regularização jurídico-funcional dos recibados remanescentes; normatização de convênios, assessoramento superior e locação de serviços técnico-administrativos a entidades jurídicas.

Você insiste em saber se gosto do meu trabalho?

Gosto, sim. É como a estória do alpinista a quem se perguntou por que escalar a montanha, qual o sentido daquele esforço. E ele respondeu: "Porque a montanha está aí!" Gosto do meu trabalho porque o D. P. está aí e, para quem tem olhos para ver, o que está aí é um desafio.

2 — Sabemos que o senhor é dado ao cultivo das artes, principalmente de poesia, pintura e escultura. Qual o papel que as artes desempenham em sua vida?

RESP.: Não é que eu seja dado ao cultivo das artes; mais exato seria dizer que sou dado à apreciação das artes, tanto quanto, por exemplo, sou dado à apreciação das flores, sem, entretanto, cultivá-las. Digo isto porque quero eximir-me da enorme responsabilidade que é ser cultivador de artes ou de flores, ato de devoção que só em amor e doação se justifica. Isto posto, fica claro que trabalhando em poesias, pinturas ou esculturas, não faço arte; faço psicoterapia.



3 — Embora se saiba que é avesso à divulgação de suas poesias, poderia citar uma delas?

RESP.: Cito, meio encabulado e com a humildade de quem pede perdão:

O HOMEM E A RUA

Pela rua quinze horas
São quinze repetições
Que na dor da tarde vão
Construindo solidões.

Nessa rua impermanente
Nessa tarde que decai
Reacender seu mistério
Morte e vida o homem vai.

Passa a tarde pela vida
Vem a noite e a solidão
Se resume nesse homem
Como uma flor num botão.

O homem passa morrendo
Morte de muito viver
Pois em frente à vida a morte
É apenas modo de ser.

Mas a rua é lugar-tempo
De pensamentos e ações
E da morte vão nascendo
Outras novas dimensões.

Fica a rua inconsequente
Passa o homem-solidão
E vai deixando dos pés
Eternas marcas no chão.



4 — Quais os seus autores prediletos, em língua portuguesa?

RESP.: As minhas predileções vêm sofrendo, o que acho natural, constante mudança evolutiva ou involutiva, que sei eu! Já gostei, por exemplo, de Graça Aranha e me extasei em "Canaã". Tive uma fase Manoel Bandeira e adorei até o "Mafuá do Malungo", que agora acho infame. Hoje preferiria falar em predileções por momentos literários, que escolheria, talvez, dentro da obra de Cesário Verde e Fernando Pessoa (ele mesmo) em Portugal; e, no Brasil, dentre a produção de Drummond, João Cabral e Graciliano Ramos.

5 — Poderia citar um filósofo, um pintor, um poeta, um romancista e um escultor que, em Pernambuco, sejam considerados de primeira linha?

RESP.: Fazer um time, em Pernambuco, é fácil. Problema seria encontrar reservas. Contrato Pai Edu para que ninguém se machuque e escale a seleção: filósofo — Pessoa de Moraes; pintor — Reinaldo Fonseca; poeta — Mauro Motta; romancista — Ariano Suassuna; escultor — bem, põe aí o Mestre Vitalino.

6 — Qual o seu sentido de Direito e qual o



ramo dessa ciência para o qual se inclina mais particularmente?

RESP.: Não vou fazer dissertação sobre o sentido ou os sentidos de Direito, cansativa e acadêmica forma de perder tempo. Todo mundo sabe que, em seu sentido positivo, Direito é a imperfeita tentativa de por ordem na bagunça social dos lobos humanos. Ou, como diria Carnelutti, é um triste substitutivo do amor.

Com referência a ramos do Direito, penso, sem originalidade, que os direitos se civilizam (tornam-se civilizados) na medida em que se civilizam (aproximam-se do Direito Civil).

7 — Por que abandonou o curso normal de Filosofia?

RESP.: Por amor à sabedoria e respeito aos filósofos.

8 — Valem mais as ciências exatas que o saber filosófico?

RESP.: A antinomia é aparente. De fato, não há ciência exata; o que há é maior ou menor probabilidade de certeza. Por outro lado, as ciências, no plural, são apenas departamentos da humana curiosidade, da investigação e do conhecimento. A Filosofia, por sua vez, é a visão geral da paisagem até o horizonte e do que se esconde para além do horizonte.

Persiste ainda hoje a noção de que a filosofia se preocupa com problemas que não têm a menor relação com a existência, as aspirações e as necessidades do homem. Ao contrário, parto da convicção de que nada do que seja humano é estranho à filosofia e de que o seu estudo reproduz os humanos acertos ou os desenganos, as ilusões renovadas e as claridades orientadoras. A busca das verdades essenciais está ligada à própria dignidade do homem.

9 — Subdiácono que foi, qual a sua posição religiosa?

RESP.: Depois de ler a Crítica da Razão Pura, jamais me libertei do agnosticismo kantiano. Falei em libertar-me como se julgasse o agnosticismo uma forma de prisão, quando de fato o considero condição essencial de liberdade interior. Não tenho, entretanto, a posição agnóstica como definitiva ou imutável, pois que sou um homem particularmente afetado pela angústia existencial, pelo paradoxo que é a certeza do viver contingente e o natural anseio do eterno.

10 — O senhor é um otimista em relação ao futuro do homem na sociedade tecnológica?

RESP.: Não sei a quantas anda esse negócio de tecnologia. O que sei é que há por aí uns três ou quatro caras descobrindo coisas e a gente se vai acostumando, necessitando e incorporando tudo ao modo de viver e de sentir a vida. O homem é um ser em adaptação.

MÉDICOS ESTUDAM O CORAÇÃO

Eletrocardiografia é o estudo gráfico da atividade do coração, é um meio importante de diagnóstico, pois permite orientar o clínico na doença estudada. É essencial para o estudo dos pacientes coronários, uma vez que o diagnóstico dos enfartes só pode ser feito através dos eletrocardiogramas.

Estas são declarações do Prof. José Costa Rocha, um dos Professores do Curso de Aperfeiçoamento em Clínica Cirúrgica Torácica — só para médicos — realizando-se no Hospital das Clínicas, no Centro de Cirurgia Torácica e Cardiovascular.

MÉTODO ESSENCIAL

O Prof. Costa Rocha salientou ainda que nas cardiopatias congênitas o eletrocardiograma representa um bom guia para se estabelecer o roteiro do diagnóstico.

O tema — eletrocardiografia — dentro desse curso, aduziu, visa a ensinar princípios básicos da eletrocardiografia, assim como fazer o diagnóstico preciso quando existem alterações no caso estudado.

Foram vistos desde atividade normal do coração às irregularidades desse órgão vital, como crescimentos auriculares e ventriculares, bloqueios de ramo, enfarte do miocárdio, alterações eletrolíticas e arritmias.

COORDENADORES

São coordenadores do Curso o Prof. Titular do IX Departamento de Cirurgia da Faculdade de Medicina da UFPe., Prof. Luís Tavares e vice-coordenador o Prof. Hindenburg Tavares de Lemos.

Dezesseis médicos estão fazendo o Curso de Aperfeiçoamento que teve início em março e ocupará todo o semestre,

pois às aulas teóricas seguem-se estágios, estudos de casos de caráter eminentemente prático, assim como estão previstos três seminários.

OUTROS PROFESSORES

Além do Prof. José Costa Rocha estão ministrando o Curso de Aperfeiçoamento em Clínica Cirúrgica Torácica os Professores Fernando da Rocha Carvalho, Luís Tavares, José Luciano Lobo, Vital Lira, Maurício Bouqvar, Milton Lins, Eugênio Albuquerque e Norma Maria Palmeira.

Especialistas todos eles com estágios nos centros mais adiantados. O Dr. Costa Rocha fez um curso de aperfeiçoamento no Instituto de Cardiologia do México. Estagiou na Universidade de Tulane (Estados Unidos) e na Universidade de Jujo, em Mendoza (Argentina) e é um dos fundadores do Instituto de Cardiologia da Faculdade de Medicina de nossa Universidade.



Sociedade de Medicina e os Seus 131 Anos de Fundação

Fundada em 1841, a Sociedade de Medicina de Pernambuco é a mais antiga do Brasil, no gênero. Recentemente comemorou seus 131 anos de existência, com uma programação das mais simples, destacando-se a inauguração do seu Museu; conferência do Professor Leduar de Assis Rocha e entrega pelo prefeito do Recife da escritura de um terreno doado pela edilidade para construção da nova sede daquela Sociedade. O atual presidente, Prof. Hindenburg Lemos mostrou-se satisfeito ante o êxito alcançado com a programação comemorativa dos 131 anos de fundação da SMP. A-nunciou que uma das metas da sua administração é iniciar a construção, proximamente, da nova sede da Sociedade.

HISTÓRIA

Teve como primeiro presidente a SMP o Dr. Maciel Monteiro, que estabeleceu as primeiras diretrizes no sentido

de dinamizá-la, legando, com efeito, a seus sucessores uma infra estrutura em termos prospectivos. Sua sessão de instalação teve lugar no Convento do Carmo. O Dr. Maciel Monteiro, segundo Barão de Itamaracá, deu muito do seu talento de médico, poeta e intelectual nas suas atividades como primeiro presidente da Sociedade de Medicina de Pernambuco.

Entre outras providências, a diretoria atual reorganizou a periodicidade do Jornal da Sociedade, que circula bimensalmente, veiculando noticiário em geral. O Museu, também inaugurado na gestão do Professor Hindenburg Lemos, compreende documentos históricos, livros raros, objetos usados em cirurgia, medalhas comemorativas, etc. Por ocasião da sua conferência, o Prof. Leduar fez doação do quadro de entrega da definição da Carta Patente oficializando a Medicina no Brasil, às mãos de D. Pedro I.

Na mesma oportunidade ficou determinado o dia 7 de outubro para comemorar-se o transcurso dos 130 anos da publicação dos Anais da Sociedade de Medicina de Pernambuco, que coincidirá com o XXI Congresso Estadual da Sociedade de Medicina de Pernambuco.

A conferência do Professor Leduar de Assis Rocha, higienista da Universidade Federal de Pernambuco, versou sobre a Medicina Brasileira na Época da Indústria no Brasil. Toda essa programação significou ao mesmo tempo os festejos daquela Sociedade com relação ao Sesquicentenário da Independência do Brasil, tendo o Prof. Hindenburg Lemos feito pronunciamiento sobre a influência histórica da então Província de Pernambuco como precursora da Independência e República do Brasil. Destacou principalmente as datas de 1710, 1817 e 1821 a 1824.

Medicina Aprova Tese Sobre Esqueletopia

"Esqueletopia dos Ramos Viscerais da Aorta Abdominal e da Bifurcação da Aorta" é o título da tese de Doutorado de Prof. João Rodrigues Sampaio, assistente do Departamento de Morfologia da Faculdade de Medicina da UFPe. e que foi aprovada por unanimidade com distinção.

A Comissão que julgou o trabalho do Professor João Rodrigues Sampaio foi composta pelos seguintes Professores: Luiz de Carvalho Tavares da Silva, Paulo Bambetá de Oliveira Lima e Bianor Germano da Hora, pela Faculdade de Medicina, e os Professores Henrique Freire de Barros, pela Faculdade de Odontologia, Professor Antônio Carolino Gonçalves, pela Faculdade de Educação, todos componentes do corpo docente da Universidade Federal de Pernambuco.

RESUMO

Em resumo, a tese do Professor João Rodrigues Sampaio é a seguinte:

"Utilizando 100 cadáveres humanos, estudamos a esqueletopia do tronco celiaco, das artérias mesentérica superior, renal direita, renal esquerda, mesentérica inferior e da bifurcação da aorta. Cada um desses tópicos foi analisado segundo os fatores gerais de variação anômica como idade (fetos, crianças e adultos), tipo morfológico constitucional (longilíneo, medilíneo e brevilíneo), raça (brancos e negróides) e sexo (masculino e feminino).

Baseado nos nossos dados, chegamos aos seguintes resultados:

1. A maior frequência da esqueletopia da origem do tronco celiaco correspondeu ao 12.º disco intervertebral torácico (36%); os níveis vertebrais mais superior e mais inferior do intervalo de variação dessa origem corresponderam ao 11.º disco torácico e 1/3 superior de L2. A análise estatística mostrou que a esqueletopia da origem do tronco celiaco é variável com a idade, estando situada em níveis mais altos no grupo de fetos e crianças de que no grupo de adultos, não sendo variável com o biótipo, raça e sexo. Esse fato nos leva concluir que o nível vertebral da origem do tronco celiaco tende a se deslocar caudalmente com o avançar da idade.

2. A maior frequência da esqueletopia da origem da artéria mesentérica superior correspondeu à mesma posição do tronco celiaco, ou seja, ao nível do 12.º disco torácico (29%); e que os limites mais superior e mais inferior do intervalo de variação dessa origem corresponderam, respectivamente, ao 1/3 superior de T12 e ao 1/3 inferior de L2. A análise estatística demonstrou que, à semelhança do tronco celiaco, a esqueletopia da origem da a. mesentérica superior varia com a idade, estando situada em níveis vertebrais mais altos no grupo de fetos e crianças do que no de adultos, não sendo variável com a raça, sexo e o biótipo. Donde concluímos que, com o avançar da idade, a origem da artéria mesentérica superior se desloca de

níveis vertebrais mais superiores para níveis mais inferiores.

3. A maior frequência da esqueletopia da origem das artérias renais direita e esquerda foi na mesma posição, ou seja, ao nível do 1.º disco lombar, (renal direita — 42% e renal esquerda — 47%); os limites mais superior e mais inferior do intervalo da variação dessas origens corresponderam, para ambas as artérias, praticamente aos mesmos níveis, ou seja, respectivamente, ao 12.º disco torácico e ao 2.º lombar. A análise dos resultados demonstrou que a idade, biótipo, raça e sexo não interferem no comportamento da esqueletopia da origem das artérias renais, assim como não existe diferença significativa no que diz respeito à posição da renal direita em relação à esquerda. Quanto às artérias renais múltiplas, foram encontradas variações de duas a três artérias, com distribuição estatisticamente semelhante nos lados direito e esquerdo.

4. A maior frequência da esqueletopia da origem da artéria mesentérica inferior correspondeu ao 1/3 médio da vértebra L3 (24%); e os limites mais superior e mais inferior corresponderam, respectivamente, ao 1/3 superior de L2 e ao 4.º disco lombar. A análise demonstrou que a esqueletopia da origem da artéria mesentérica inferior é variável com a idade, estando situada em níveis vertebrais mais altos no grupo de fetos e crianças do que no de adultos, não sendo variável com a raça, sexo e biótipo. Concluímos que, com o avançar da idade, a origem da artéria mesentérica inferior se desloca de níveis vertebrais mais altos para mais baixos.

5. A maior frequência da esqueletopia da bifurcação da aorta foi ao nível do 4.º disco lombar (30%); os limites mais superior e mais inferior do intervalo de variação dessa esqueletopia corresponderam, respectivamente, ao 1/3 inferior de L3 e ao 5.º disco lombar. A análise demonstrou que a esqueletopia da bifurcação da aorta é variável com o sexo, estando situada em níveis mais altos na mulher de que no homem, não sendo variável com a idade, raça e biótipo.

6. Baseado no que foi dito acima, podemos concluir: a) — que há uma relação entre as mudanças de idade e a esqueletopia da origem das artérias do sistema digestivo (tronco celiaco e artérias mesentéricas superior e inferior), ou seja, com o avançar da idade, há um deslocamento para baixo da posição vertebral da origem dessas artérias; b) — que não há relação entre a esqueletopia da origem das artérias renais e os fatores gerais de variação anômica; c) — que a esqueletopia da bifurcação da aorta é variável com o sexo, sendo mais alta na mulher do que no homem.

7. Acreditamos que as diferenças encontradas entre os nossos resultados e os de outros observadores devem ser interpretadas como sendo decorrentes do tipo de amostragem em consequência de uma distribuição aleatória".



Pesquisa É Ponto Vital Para O Ensino

“Não pode haver ensino universitário sem que haja, paralelamente, intensa vida de investigação científica. Daí o interesse de promover um curso de alto nível destinado ao corpo docente e aos doutorandos da Faculdade de Medicina quando pesquisadores de grande experiência irão transmitir aos participantes as bases seguras da verdadeira pesquisa científica”.

Estas palavras foram do Prof. Ruy João Marques, diretor do Departamento de Medicina Tropical da Faculdade de Medicina da UFPe., quando da inauguração do Curso de Iniciação à Pesquisa Médico-Científica realizado no Hospital das Clínicas.

INTEGRAÇÃO NA REFORMA

“Ora, — prosseguiu o Prof. Ruy João Marques — a Universidade Federal de Pernambuco está em plena fase de amadurecimento e, fiel à orientação do MEC, desejosa de implantar, quanto antes, no seu seio, a Reforma Jarbas Passarinho, resolveu levar a sério o problema da pesquisa para mestres e alunos. Neste curso intensivo, temos nomes de alta expressão entre os que vão ministrar as bases da pesquisa científica”. Este curso, que é uma iniciativa da Coordenação de Ensino e Pesquisa, visa também a despertar vocações.

INTRODUÇÃO A PESQUISA CIENTÍFICA

Este foi o título da

conferência do Reitor, cientista Marcionilo Lins, inaugurando o curso na sala Prof. Wanderley Filho, no Hospital das Clínicas, com a presença de 71 participantes e convidados. Além do tema propriamente dito, o Reitor ressaltou a importância desse despertar para a pesquisa, logo no começo do ano, salientando que iniciativas desse porte tinham sua total aprovação.

SÃO CONFERENCISTAS

Prof. José Carneiro Leão, Pró-Reitor para Pesquisas, com o tema “Universidade e Pesquisa”; Prof. Gilberto Osório de Andrade, com o tema “Desenvolvimento e Pesquisa”; Prof. Os-

waldo Gonçalves de Lima, abordando o tema “Região e Pesquisa”; Prof. Aluisio Bezerra Coutinho, com “Pesquisa nas Disciplinas Pré-clínicas”; Prof. Ruy João Marques, com “Pesquisa médica nas disciplinas clínicas”.

“Importância Social da Pesquisa” foi abordado pelo sociólogo-antrópologo Gilberto Freyre; “Pesquisa bibliográfica. Regras de citações bibliográficas” foi tema abordado pela Dra. Maria Orlando de Andrade Bezerra.

O Diretor da Faculdade de Educação, Prof. Antônio Carolino abordou o tema Estatística e Pesquisa; “Computador e Pesquisa Científica” foi o tema do Prof. Mil-

ton Cardoso Siqueira da UFP de São Paulo.

O prof. Aggeu Magalhães Filho abordou “O Ensino e a Pesquisa Paralela — Pesquisa para o Corpo Docente”; “Ética da Pesquisa Científica” foi o tema do Prof. Francisco Montenegro.

O Prof. Carlos Chagas, da Guanabara, abordou “Técnicas da Pesquisa Científica no campo Médico”. O Prof. Nelson Chaves falou sobre “Pós-Graduação e Pesquisa”.

As manhãs e as tardes foram aproveitadas para estágios em instituições de Pesquisas da Universidade Federal de Pernambuco.

Professor Que Não Pesquisa É Simplesmente Um Repetidor

O Reitor Marcionilo Lins analisou acuradamente a importância da pesquisa, no contexto universitário, por ocasião da abertura do Curso de Iniciação à Pesquisa Médico-Científica, no Pedro II. Considerou que, hodiernamente, o professor não pode divorciar-se da pesquisa, sob o risco de ser simplesmente um repetidor. As linhas gerais do seu pronunciamento:

Discutiu-se muito no Brasil desde que nós temos órgãos normativos centrais, do magistério principalmente que é o CFE e da pesquisa que é o CNPq., discutiu-se no Brasil e se discute ainda hoje, o problema da conceituação do pesquisador.

Uma das teses defendidas é a incompatibilidade da pesquisa com o ensino, e a outra tese defendida, é a compatibilidade da pesquisa com o ensino. Afinal, dentro da filosofia da reforma universitária, venceu o CFE, que acabou ou extinguiu nas universidades a carreira de pesquisador e deixou a carreira nas universidades única, dizendo que o ensino e a pesquisa formavam uma associação indivisível. Em outras palavras, a conceituação advinda da escola de S. Paulo, era que todo professor em tese era um pesquisador, e, portanto, não havia necessidade das duas carreiras.

Por outro lado, os dirigentes do Conselho de Pesquisa, alegam que há, dentro da carreira do magistério, as duas inclinações: há o indivíduo que na essência é muito mais professor do que pesquisador, e há indivíduo que não é bom professor, mas revelou-se no laboratório ou nos seus escritórios excelente pesquisador. Dentro desta conceituação nós teríamos uma série de trabalhos de autores a citar, mas isso tudo foi muito bem resumido em uma célebre conferência do Prof. Bernardo Saide, quando ele voltou à Argentina, após ter recebido o primeiro prêmio Nobel de Medicina. Naquela ocasião, Bernardo Saide voltava triunfante, pois todos conhecem a história do mesmo com o Peronismo, quando ele foi destituído de sua cátedra da Faculdade de Medicina e politicamente ficou na Argentina, pelo amor que tinha ao seu país, e foi para uma fundação particular apenas para fazer pesquisa, dado o seu conceito mundial de fisiólogo. Naquela ocasião, quando se discutia a expansão do ensino na Argentina, havia os antagonistas de Saide, que defendiam a tese de que a pesquisa estava atrasando o maior ingresso de estudantes na Universidade. Com Saide, uma vez consagrado com o Prêmio Nobel, de volta a Buenos Aires, ele fez uma conferência em que ficou célebre, quando estudando o panorama das universidades no Mundo, com o enfoque especial da América Latina, ele classificou as universidades em dois grandes grupos: universidades vivas e universidades mortas, e, assegurou que a

maioria das universidades latino-americanas daquela época eram universidades mortas. Conceituou, ainda, como universidades vivas aquelas universidades cujos professores desenvolviam programas de pesquisas e como mortas, as universidades cujos professores se limitavam apenas na sua expressão original a repetir anualmente as suas aulas, alguns melhorados pela capacidade que tinham de ler algumas revistas, e outros nem sequer melhorados, mas simplesmente repetidas. Novamente a tese de pesquisador do professor voltou à tónica, desta feita em uma reunião da Sociedade Brasileira do Progresso da Ciência em São Paulo, em que a pesquisa já era desenvolvida fora da universidade, naqueles institutos mantidos pelo Estado, como o Instituto Biológico, o Instituto Botânico, etc. Esses Institutos — de Geociências e Astronomia — se juntaram, isto quer dizer que o primeiro conseguiu que a Universidade também ficasse com o Instituto de Astronomia, o que significa que a maioria desses Institutos está caminhando para as Universidades.

Já naquela época, se defendia uma carreira de pesquisador, no Estado de São Paulo, para assegurar o acesso dos chefes de laboratórios e de departamentos dessas instituições e se defendia, dizendo-se que esses indivíduos faziam pesquisa ao contrário dos que estavam na universidade que sua missão especial era fazer o ensino. É muito difícil nós separarmos, sem dúvida nenhuma, o professor do pesquisador. Porque o professor na sua vivência diária se ele não pesquisa, realmente, ele fatalmente se tornará um repetidor, e, se ele não pesquisa, desaparece sobretudo, a sua capacidade de dar, dentro do lugar onde ele está situado, o enfoque natural das estatísticas e dos casos que ocorrem e, ao mesmo tempo, se ele não tem esta concepção torna-se repetidor de pesquisa, um copilador de experiência, nunca capacitado a inovar. Então daí se deduz um outro fato, o professor pesquisa e portanto pode se abstrair de dar aula de um ponto de vista da essencialidade didática. Bem, todos sabem que o grande exemplo que nós tomamos para essa questão de pesquisa, devido ao avanço da hora presente no sentido tecnológico, é o sistema universitário norte-americano, como foi tomado já durante algum tempo, no século anterior, o sistema universitário europeu, principalmente, o sistema universitário desenvolvido na

Alemanha e na França. Hoje, nós tomamos a base do sistema universitário americano, e o sistema universitário europeu, representado mais pela Inglaterra, Suécia, e agora mais recentemente também a Alemanha. Mas nos Estados Unidos, Universidades não são, como os senhores sabem, na sua maioria estatais, ou seja, elas não pertencem ao governo. Na sua grande maioria elas são particulares, ou privadas, ou se regem como entidades privadas, embora hoje, tenhamos consciência de que pelo menos, atualmente, cerca de oitenta por cento dos recursos das universidades americanas, têm como fonte o governo através dos famosos “GRANT’S” oferecidos por duas instituições nacionais, uma mais ligada à saúde, que é o National Institute of House, e a outra que é a National Science Foundation que tem uma estruturação muito semelhante, no seu modo de ação, ao nosso Conselho Nacional de Pesquisa. Além disso, no orçamento normal da universidade, os chefes dos departamentos dos Estados Unidos, podem ter grandes benefícios, e isto deu, sem dúvida nenhuma, um desenvolvimento da pesquisa na universidade americana, que é reconhecido por todos os países do mundo. Acontece, porém, que nos últimos dez anos, os educadores do EEUU, começaram a se preocupar com o efeito maléfico dos GRANT’S, e uma das causas apontadas como efeito maléfico dos GRANT’S, foi sem dúvida nenhuma a queda vertical do ensino na sua qualidade. Chegou à conclusão esse grupo instituído pelo National Institute of House, para estudar o problema do desenvolvimento da pesquisa nas universidades americanas, de que em sua grande maioria os grandes professores que estavam na escala dos prêmios Nobel, e etc., não estavam no grau mais alto, e que, o regime, os cursos de graduação nos EEUU, tinham exatamente se expandido de tal ordem que o pequeno grupo desses professores que ainda continuavam em atividade, resolveram passar exclusivamente ao ensino da pós-graduação, chegando ao ponto de ter universidades exclusivamente de pós-graduação como é o caso da recentíssima Rockefeller University, que foi resultante do Instituto Rockefeller que era um Instituto de Pesquisa sobretudo de desenvolvimento de teses para o doutorado. Daí mostrar-se que nós estamos dentro da Universidade, num curso como esse com a responsabilidade muito grande. Primeiro nós precisamos ter consciência de que uma universidade que não

pesquisa é uma universidade morta, como muito bem afirmou o Professor Bernardo Saide, mas, nós precisamos ter consciência de que o professor que pesquisa não pode perder o contacto direto com os seus estudantes, pois, a perda desse contacto leva muitas vezes não só à frustração dos estudantes que na hora da escolha, escolhem a universidade a, b ou c em função inclusive da qualidade do seu corpo docente, mas sobretudo, pode levar a uma queda da qualidade do ensino se o afastamento atinge um grande número de professores.

Em função da sua expansão, que é uma coisa natural e que nós temos que nos preparar para ficar prevenidos porque essa expansão é uma necessidade real do país, ela pode não crescer em números arbitrários, ou pode não crescer de maneira empírica com mera pressão de fora para dentro da universidade, mas ela terá que crescer programada, pois o país precisa de mais profissionais para o seu desenvolvimento. Portanto essa é uma das teses que num curso desses deve ser muito bem meditada. Num hospital de ensino, — por exemplo, o Hospital Universitário é um campo de pesquisa vastíssimo, desde que ele funcione plenamente — porque não há no ponto de vista da pesquisa aplicada melhor campo de atividade para desenvolvimento de um programa do que um hospital universitário, pelo menos se espera que não haja melhor campo dentro do setor de saúde. O outro grande problema para o desenvolvimento para o qual eu desejo chamar a atenção, que já é um mal geral, não é um mal, digamos da UFPe., não é um mal do Hospital das Clínicas da UFPe., não é um mal do Hospital Pedro II. Tudo isso, é um problema de grande importância e que só agora está sendo pensado com grande ênfase. É o que nós chamamos, hoje, através dos órgãos centrais do governo, da infra-estrutura de pesquisa. Ora, para haver pesquisa, nós precisamos de duas coisas essenciais a um pesquisador: a primeira delas é que haja o pesquisador, e a segunda é que haja um plano de pesquisa racional, isto é, exequível, e também se houver um pesquisador e o plano for inexecuível não adianta nada, pois ele não poderá desenvolver aquele plano que imagina. Portanto duas coisas são essenciais: um pesquisador e um projeto. Ou seja, o pesquisador e a idéia: o que ele vai pesquisar e como ele pretende pesquisar.



HOMEM DE ESTADO, TRAÇO FORTE DA PERSONALIDADE DE J. EMERENCIANO

Em cerimônia realizada no auditório da Faculdade de Direito, sob a presidência do Reitor Marcionista Lins, foi tributada homenagem póstuma ao historiador Jordão Emerenciano, figurando como orador oficial o Professor Paulo Maciel, que fez uma análise dos diversos aspectos da personalidade do homenageado.

A idéia central do pronunciamento do Professor Paulo Maciel foi a de que o traço mais forte da personalidade do escritor Jordão Emerenciano foi a do homem de Estado, em grande parte frustrada na sua realização, posto que os homens de sua idade não alcançaram o Poder sistematicamente, continuando até agora a geração que tomou a liderança em 1930.

CONTRIBUIÇÃO

Anotou, em seguida, o orador, várias referências de ordem biográfica, incluindo a contribuição do homenageado na Revolução de 1964. Citou ainda as suas últimas conversas com o Professor Jordão Emerenciano, as quais versaram sobre temas políticos, como sejam da relação informática e política; significado da Revolução de 30 e o problema da comunidade luso-brasileira.

A certa altura da sua oração, o Professor Paulo Maciel destacou que a concepção de Estado, de Jordão Emerenciano, assentava numa ética cristã e, ao seu ver, o seu humanismo era repassado da linha jesuítica, estando bem presente em seu pensamento o famoso debate teológico entre Banez — teólogo dominicano, e Molina — teólogo jesuíta.

Destacou também que, sendo o Professor Jordão Emerenciano um homem religioso, havia que se descobrir a sua ascese. Apesar das aparências, esta existiu e foi a de um somatônico que, por conseguinte, deve ser medida em termos de gratuidade e eficiência na ação.

MÍSTICA

Quanto à mística, parecia ao conferencista que como homem de formação jesuítica Jordão Emerenciano aceitava mais uma teoria da virtude do que uma mística propriamente dita.

Analisou ainda os vários aspectos de atuação do homenageado, inclusive a sua tática de fazer repercutir idéias, atuando em pequenos grupos capazes de as reproduzir.



Jordão Emerenciano

— Homem de Vida Interior

ROMEU PEREIRA

Para a emoção não deter a marcha do pensamento, num raciocínio calmo e tranquilo, como o momento exige, preparei por escrito estas palavras, reveladoras de meu sentir sobre Jordão, o nosso pranteado colega, e membro ilustre deste Instituto.

Não repetirei quanto foi dito por uns e por outros, todos unânimes em manifestar de público as suas peregrinas virtudes de inteligência e espírito — um espírito dos mais nobres, e uma inteligência das mais privilegiadas da sua geração.

Não falarei de Jordão orador, escritor e historiador, atividades em todas as quais se sobressaiu como se a cada uma, em particular, tivesse consagrado a sua inteira existência. Nem do homem público, que exerceu as mais várias funções, servindo a cada uma, com eficiência, e honrando a todas, com dignidade — ou do homem privado que vivia para o seu lar e seus amigos, fazendo da amizade um culto, e da fidelidade, uma norma de conduta.

Nem mesmo falarei das suas atividades sociais e cívicas, inclusive as do magistério, presidindo ou tomando parte em todas as promoções do Estado, participando das comemorações a homens ilustres, ou viajando a pedido da sua Universidade, ou a convite das estrangeiras.

Como sacerdote, e no momento em que no santo sacrifício da missa pedimos que o Sangue de Cristo interceda junto ao Pai, pela sua alma, eu gostaria de falar — embora pareça um paradoxo para aqueles que só consideram as exterioridades — sobre a sua vida interior, sincera e profunda.

E para começar pelo princípio, Jordão era um homem de fé — fé no sentido teológico, aceitando as verdades reveladas pela autoridade de Deus que revela — autoridade superior, mas não contrária à da razão, pois uma e outra procedem do mesmo princípio, como dois raios de luz procedem do mesmo foco, podendo uma e outra, cada uma na sua esfera e campo de ação, mover-se livremente, como dois navios podem mover-se em alto mar sem ir de encontro um ao outro.

Esta fé em Jordão — como em todo aquele que a receba em toda a sua pureza e integridade — era inspirada na caridade, mesmo por ser esta a virtude que dá ser às restantes, não se compreendendo que ninguém aceite a existência de Deus, e seus atributos, sem considerar o próximo como a sua imagem na terra.

Esta fé operosa, porque do contrário não seria fé — como não é homem o cadáver de que saiu a alma, separando-se do corpo — é, também, pela sua natureza intrínseca, ativa, não só porque o bem é difusivo — e a fé é a maior de todas as virtudes — como porque a fé sem a ação é mutilada — como mutilado é o homem que privado de movimento jaz paráltico num leito.

Está aqui a raiz escondida da atividade de Jordão — vária e múltipla. Está aqui a central onde tomava energia para a sua marcha na vida.

Uma vida, à primeira vista desorganizada em meio a tantas ocupações e preocupações, mas, na realidade, severamente controlada por uma disciplina da mente que era a que dava força à sua inteligência para poder pensar e agir.

Para nada serve a inteligência, quando se vê abandonada pela disciplina, a não ser para carbono que, de tantas cópias, termina sendo sacudido ao cesto...

Não era este o caso de Jordão, do contrário ele nunca nos poderia ter dado aquelas páginas primorosas que lemos nos seus escritos, nem nós teríamos assistido àquelas recepções que ele preparava com a ordem mais rigorosa, e a mais refinada elegância.

Como a disciplina movia a sua inteligência, a inteligência orientava a sua liberdade não só para esta conservar-se firme, como, sobretudo, para não curvar-se a não ser ante o dever.

Quantas noites passou em claro Jordão, em benefício da comunidade, enquanto outros dormiam, ou, o que é pior, conspiravam contra a sacralidade das instituições, ou a integridade da pátria.

Posso, nesse sentido, dar o meu depoimento porque "et ego unus ex illis" e eu estava com ele...

Sei que a disciplina da mente por si só não resolve todos os problemas, nem pode, logicamente, apresentar soluções para cada um.

Por isso, Jordão colocava acima dela e antes dela a ordem do amor, selecionando os valores pelo seu mérito intrínseco, dentro duma hierarquia, fundamentada na própria natureza dos seres.

Primeiro Deus, depois o homem, com todas as realidades temporais que o cercam...

De cima vê-se mais claro, e, quando se desce, anda-se mais seguro...

Dentro dessa ordem é que podemos — e devemos — colocar todos os problemas humanos no seu devido lugar, e dar a cada um a solução que ele merece.

Jordão manteve-se fiel a esta hierarquia de valores, não sacrificando o essencial ao acidental, não pospondo Deus ao homem, não querendo trocar o céu pela terra.

Dentro dessa hierarquia, única verdadeira, podemos classificar as atividades de Jordão.

Acima, Deus, com os seus atributos, porque sem a vivência em Deus, não há Direito. E sem Direito, não há moral. E sem Direito e Moral não há Política, merecedora desse nome.

Compreendemos, agora, as suas atividades, depois de examiná-las, uma por uma, com um critério seguro que nos levou ao mais íntimo de seu ser, descobrindo-nos a reta intenção que colocava em tudo. Como orador, fez da sua eloquência menos um meio de promoção, do que um instrumento do apostolado. Como escritor, não desprezava o estilo, mas preferia a verdade, brilho de si mesma.

Como historiador, procurava a verdade, só a verdade, toda a verdade, única que condiciona e dá vida à história.

Como político, inspirava a sua atividade na própria teologia, ciência que contém os princípios para a solução dos problemas que cada um de nós encontra, na convivência com o outro, na comum peregrinação que todos temos de fazer sobre a terra...

Diga-se outro tanto das suas restantes atividades — inclusive aquelas que, à primeira vista, são menos conformes com a ascese cristã.

Jordão era um leigo católico que vivia no mundo, e não um monje trancado na sua cela.

Amava a vida, e amava-a intensamente, vivia entre os da sua geração e participava das suas tristezas e alegrias, sem por isso diminuir no mais mínimo a sua responsabilidade de cristão, nem ceder na sua ortodoxia, nem trair o seu "Idearium" como ele gostava de dizer. E que? pergunto eu. Não é São Paulo quem nos ensina que "ora comamos, ora bebamos, e o façamos no nome do Senhor?" Não é ele que nos convida e estimula a uma constante, e sempre renovada alegria: "alegrai-vos no Senhor". De novo, vos digo, "alegrai-vos".

Não foi ele, enfim, quem traçou para todos o programa a que deve obedecer e seguir o cristão, em sua vida, no mundo: "Tudo é vosso. Vós sois de Cristo, Cristo de Deus?"

Por que Jordão ia privar-se daquilo aos outros permitido, porque é honesto? — e pode, inclusive, ser meritório ante Deus?

Mas notemos aqui — não em sua defesa que dela não carece, mas em sua honra que o enobrece e dignifica; estes bens terrenos, de que gozava quando podia, e como podia, não afastavam a sua mente, e sobretudo, o seu coração dos bens eternos.

Não foi uma vez só que Jordão, aproveitando a presença do sacerdote, no Arquivo Público, suspendia uma reunião, encostava a porta de seu gabinete e caía no chão, com todo o seu corpo e com a ingenuidade de uma criança, para confessar-se — o que fazia com frequência, sobretudo, na véspera de uma viagem ao exterior.

Não foi uma vez só que, em plena festa social, celebrada em salões esplêndidos, curti um drama íntimo, que ele disfarçava com um sorriso nos lábios ante aqueles que ele próprio animava.

Não foi uma vez só, enfim, que me declarou que preferia o pequeno crucifixo que escondia no peito a todas as condecorações que mostrava no seu largo tórax.

Era assim Jordão, agora revelado com a sua morte, morte que todos sentimos e lamentamos, e que serviu para manifestar a grandeza da sua alma, e a bondade de seu coração.

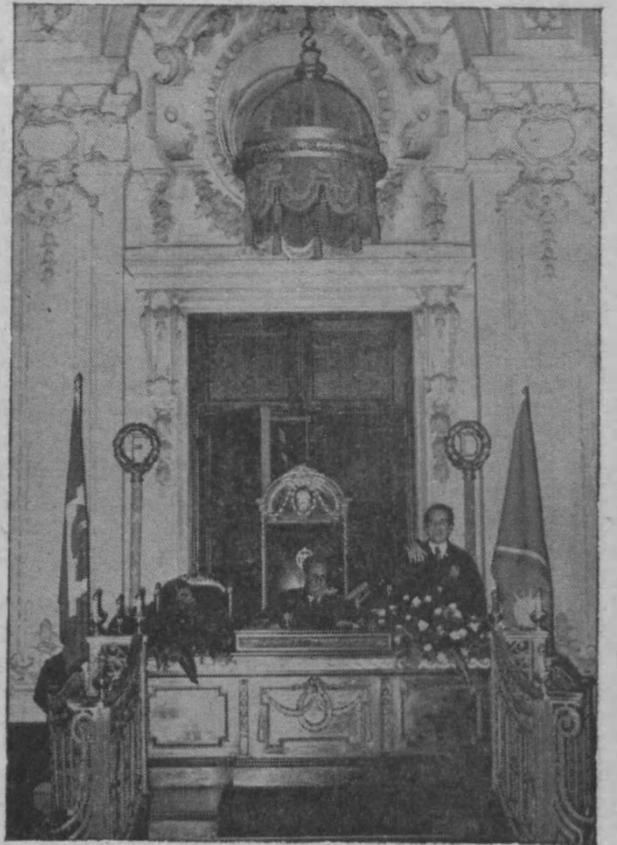
E por que era assim, também sofria, como sofria na sua época Santa Teresa de Jesus que viveu uma fase parecida com a que nós vivemos, e de quem Jordão era grande e sincero admirador, como era sincero e grande admirador de todos os valores ibéricos.

Sofria, porque via que estes tempos depois do Concílio "son recios".

Sofria, porque sentia que teólogos sem fé, alguns com púrpura, queriam "echar la Iglesia por el suelo".

Sofria, enfim, porque se convencia cada vez mais de que, mesmo no povo, (escandalizado, sem dúvida) as coisas da fé iam "sin camino natural". Mas, enfim, teve, também, a satisfação que teve Santa Teresa, a de apesar de todas as incompreensões e contradições que dominam por todas as partes, morrer "como hijo de la Iglesia".

(x) Discurso-Homilia na Missa de 30.º dia, celebrada pela alma do Prof. Jordão Emerenciano, no Instituto de Letras da Universidade Federal de Pernambuco.



Alcool e Fígado

Falando na aula sobre "Alcool e Fígado", do curso de "Temas de Hepatologia", patrocínio da 2ª. Disciplina da Clínica Médica e da Sociedade Pernambucana de Gastroenterologia, o Professor João Regueira mostrou as várias implicações e problemas de saúde que o álcool traz na sua atividade sobre o fígado humano.

A aula foi realizada no dia 28 de janeiro, no Hospital das Clínicas (Pedro II), sala de aula Enfermaria São Vicente, na presença de diversos estudantes de Medicina, do curso especializado da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco.

TESES

Iniciou sua aula demonstrando, para o desenvolvimento de suas explicações, várias teses de professores estrangeiros e brasileiros, que dedicaram grande parte dos seus estudos à atividade do álcool no fígado humano. Apresentou, inclusive, uma série de "slides".

A primeira tese que demonstrou foi a dos professores Best e Hastsoft, que fizeram, inclusive, experiências nos fígados humanos e dos ratos. A primeira conclusão desses professores foi que o fígado humano difere bastante do fígado dos ratos. Também concluíram que a ação do álcool sobre o fígado de pessoas subnutridas é bem mais ativa.

OUTRA TESE

Em seguida fez a apresentação da tese levantada pelos Professores Luber e Rubens, na qual eles afirmam que a ação do álcool sobre o fígado é sempre muito nociva também nas pessoas que são nutridas ou mal nutridas. No entanto, acrescentam que, "é óbvio, nas pessoas mal nutridas a ação do álcool é muito mais forte".

Apresentou ainda os estudos de outros dois professores, na terceira tese demonstrada. Em seguida expôs que a bebida, qualquer que seja a maneira como é ingerida — aos poucos, diariamente, ou sempre nos fins de semana — é nociva ao homem. Esclareceu que, obviamente, os que bebem apenas nos fins de semanas têm possibilidades de reação porque durante toda a semana o fígado fica em repouso.

MAIOR INTERCÂMBIO ENTRE UFPe. E USP

Uma Divisão Responsável Por Um Todo

No âmbito de sua especialidade, a Divisão de Oficinas cumpre uma das missões mais sérias da Universidade Federal de Pernambuco. Seu trabalho, muitas vezes não é devidamente observado, serve para dar maior beleza à Universidade, para dar conforto aos Professores e estudantes ou para dar maior desenvolvimento às diversas funções da UFPe.

Atualmente, conta setenta e sete funcionários — alguns estagiários — e é dirigida por Aldizio Gurgel do Amaral Filho que conta com a colaboração também de Carlos Caveglla, na área de Tecnologia. O Dr. Caveglla foi, durante muito tempo, diretor principal das Oficinas.

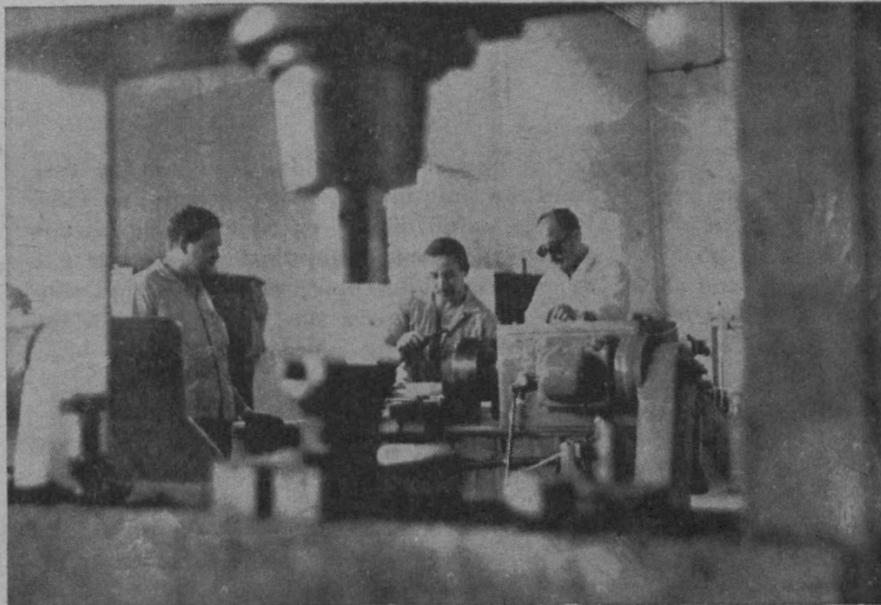
MUITOS NOMES

Fundada em janeiro de 1955, a Divisão de Oficinas fazia parte do acervo da Faculdade de Medicina, funcionando no Derbl. Nessa época, tinha o nome de Oficinas Eletromecânicas. Posteriormente, em 1961, foi transferida para a Cidade Universitária, ganhando o nome de Oficinas Gerais e depois, Oficinas Centrais. Atualmente ganhou o título de Divisão de Oficinas.

Segundo definição do seu diretor, Aldizio Gurgel do Amaral Filho, a "função principal da Divisão de Oficinas é a reparação de todos os bens móveis da Universidade Federal de Pernambuco — equipamentos, instrumental —, bem como a elaboração de projetos do funcionamento elétrico e eletrônico". O responsável por este último serviço é o Dr. Carlos Caveglla.

SETORES E FUNCIONARIOS

A Divisão de Oficinas está dividida em dois setores: Setor Administrativo e Setor de Oficinas, propriamente ditas. As oficinas, por sua vez, contam com os seguintes setores e respectivo número de funcionários: Carpintaria, 14 funcioná-



rios; Mecânica Instrumental e de Precisão, 28; Secção de Mecânica, 8; Secção de Refrigeração, 3; Secção de Ar Condicionado, 2; Secção de Eletricidade e de Enrolamento de Motores, 4; Secção de Chapa e de Serralharia, 7; Secção Hialotécnica (vidros) 2; Secção de Manutenção de Veículos, 10; Secção de Pintura, 4; e Secção de Instrumentos Eletrônicos, 2.

TRABALHOS-72

Neste ano de 1972, até o mês de março, oitenta e oito serviços de importância foram enviados à Divisão de Oficinas. Já foram executados cerca de 57. Além disso, na Secção de Manutenção de Veículos, foram executados 80 reparos nas 72 viaturas que a Reitoria da Universidade Federal de Pernambuco possui.

Dentro dos serviços de maior prioridade, encontram-se: a restauração e o redimensionamento da Central de Refrigeração da Escola de Engenharia. Esse trabalho foi iniciado em dezembro do ano passado. Em janeiro, houve o período de férias; no entanto, em fevereiro, o serviço foi reiniciado. Outro projeto importante é o da instalação do Sistema Sonoro, com capacidade para 14 canais, para a Sala do Conselho da Reitoria.

Outro trabalho: a nova rede de Distribuição Elétrica da Sub-estação da Reitoria para a Sala do Conselho, a fim de alimentar 14 aparelhos de ar-condicionado e o Instrumental do Novo Arquivo (fotográfico) da Reitoria.

MELHORAS

A atual administração da Divisão de Oficinas tem se preocupado bastante com as melhoras de condições para os trabalhos dos seus funcionários, assim como o bem-estar de todos, além de dar maior entrosamento nos serviços visando à rapidez e ao aperfeiçoamento.

Por isso mesmo, foi criado um Sistema de Comunicação, interno, através de alto-falantes. Todos os alto-falantes são ligados com os diversos setores da Administração e setores das Oficinas. Universidade Federal de Pernambuco através dos funcionários. Tudo isso feito com os recursos da Divisão de Oficinas.

COMO É FEITO

Segundo informação do diretor Aldizio Gurgel do Amaral Filho, em todos os serviços feitos na Divisão de Oficinas somente o material é cobrado, tendo em vista que a mão-de-obra é paga pela Universidade Federal de Pernambuco através dos salários dos funcionários. Não fosse isso o custo dos serviços sempre seria o dobro.

Agora mesmo está sendo implantado um sistema de prestação de serviços a terceiros, o que representará mais uma fonte de renda para a Divisão de Oficinas e para a Universidade Federal de Pernambuco.

Um maior intercâmbio entre a Universidade Federal de Pernambuco e a de São Paulo através do encaminhamento de professores nossos para cursos de pós-graduação naquela instituição, assim como intercâmbio entre o setor de planejamento do campus da USP e a Assessoria de Planejamento Urbano da UFPe., foram assuntos tratados pelo Reitor Marconilo Lins em sua recente viagem ao Sul.

APOIO INTEGRAL

O Prof. Marconilo Lins declarou-se satisfeito principalmente com a acolhida que teve da parte do Reitor Miguel Reale, que prometeu integral apoio ao programa dessa Universidade nos setores de pós-graduação, comunicação, inclusive um novo convênio entre a TV Canal 2 e o Canal 11. O Magnífico Reitor estuda com profundidade a reformulação da programação do Canal 11 no contexto das diretrizes do Governo Federal, para um melhor uso da TV a serviço da educação.

EM BRASÍLIA

O Reitor da UFPe. esteve em Brasília, onde assistiu à posse do novo diretor do Departamento de Assuntos Universitários do MEC, Prof. Heitor de Souza, e à do Prof. Newton Suciupira, na Comissão de Assuntos Internacionais do MEC.

O HOSPITAL DAS CLÍNICAS

Tratou também com especialistas, em S. Paulo, a respeito do seu plano de conclusão do Hospital das Clínicas, analisando as diversas propostas de financiamento para dar início, quanto antes, às obras do referido Hospital. Espera ter, inicialmente, em mãos todas as propostas para o pedido de aval do Governo brasileiro, para o empréstimo que a UFPe. pretende contrair, a fim de concluir o seu campus, incluindo como obra prioritária o projeto do Hospital das Clínicas.

Folclore

A cultura de "folk" é de importância crescente para o conhecimento da alma da nacionalidade e fonte perene de inspiração para os artistas não alienados por influências estrangeiras. Tanto assim que o governo federal instituiu o Dia Nacional do Folclore e o governo de Pernambuco determinou que ele fosse comemorado em toda a rede de ensino estadual.

Em sentido popular, o ano está marcado por quatro fases que alguns estudiosos chamam de ciclos. Assim, podemos referir-nos ao ciclo natalino, — de 8 de dezembro a 6 de janeiro; ao ciclo do Carnaval, que pega todo o mês de janeiro até a quarta-feira de Cinzas; início do ciclo quaresmal, vindo, em seguida, o ciclo das festas juninas, de Santo Antônio a São João.

Nossos costumes populares e outras manifestações de caráter folclórico, pela triplíce origem de suas raízes, são muito variados e complexos. Basta atentar para o fato de que tanto portugueses como indígenas, assim como africanos não eram puros — sobretudo na época da colonização — mas misturas de raças várias, de nações, representando diversos níveis culturais. Essa heterogeneidade no processo de adaptação ao novo ambiente produziu um diversificado, rico e extraordinário folclore.

Embora, atualmente, já possamos falar em costumes, artes, técnicas, danças, música e usos brasileiros, por outro lado podemos distinguir-lhes a origem. Dada também a extensão territorial de nosso país, temos de salientar as diferenças regionais de um idêntico motivo. Tome-mos, por exemplo, o bumba-meu-boi. Há diferenças sensíveis desse folguedo entre o de Pernambuco e o de São Luiz do Maranhão. O xangô, praticado entre nós, toma na Bahia o nome de candomblé com diferenças rituais que os diferencia.

Assim, no Sul do Brasil, como no Centro-Oeste, mitos, festas e tradições são diversificados, havendo ainda a notar a predominância quer portuguesa (européia) indígena ou africana numa ou noutra manifestação de caráter popular. Cimentando todas essas forças raciais, está a presença da religião católica trazida e imposta pelos lusitanos, insinuando-se em todos os setores sociais dando-lhes peculiaridades especiais. Nesse aspecto não podemos esquecer as religiões africanas, os mitos e superstições de origem indígena.

O CICLO QUARESIMAL

O folclore europeu referente ao tempo da Quaresma não chegou ao Norte do Brasil. Ninguém sabe o que é, por exemplo, ovo de Pascoa. Mestre Câmara Casado diz que esse uso de caráter elegante foi introduzido no Rio e em São Paulo por volta de 1920, circunscrevendo-se às camadas altas, aí modificando-se, tão somente no preço e na beleza da arte de confeitar.

Agora o jejum e a abstinência sim, nós os recebemos, totalmente da península ibérica. Na última Quaresma indaguei de algumas pessoas o que iam comer, ou por outra, como iam "guardar" os dias santificados. As respostas continham sempre as seguintes comidas: peixe, bacalhau, breido e feijão de coco. Explicava que a Igreja tinha modificado o preceito,

Dai é que o JORNAL UNIVERSITÁRIO manterá um rodapé mensal sobre folclore, preferentemente nordestino. O assunto será abordado por Angela Delouche, nome bastante conhecido, haja vista ter mantido coluna sobre folclore em jornais desta Capital e revistas no Sul do país.

ANGELA DELOUCHE



ficando só na Sexta-feira Santa para o jejum e a abstinência. Uma mulher, de cerca de setenta anos me respondeu: — E é? mas eu não vou pra essa conversa não que não sou hereje. Eu guardo a Quaresma como sempre guardei. Se eu não tiver peixe ou bacalhau eu como puro, o que sempre me acontece muitas vezes no ano.

Observei, recentemente, que o respeito ao Senhor Morto se estende a outros mortos. Assim como não se come carne no dia de Sexta-feira Santa, também não se toca em carne no dia em que morre alguém da casa ou mesmo da vizinhança, conforme a tradição judaica.

Promessa antiga e ainda em uso é a de acompanhar a procissão do Senhor Morto de pés descalços. Também, ainda em uso no interior nordestino, é a troca de dinheiro da bandeja posta aos pés da imagem do Senhor, de retorno da procissão. O dinheiro é guardado junto às imagens que se tem em casa, para dar sorte, para "chamar" dinheiro para a casa.

No domingo de Ramos, as pessoas ainda tomam o cuidado de trazer os ra-

mos para casa. A utilidade dos ramos é a de afastar o perigo de relâmpagos em tempo de trovoadas. Uma parte dos ramos é posta na porta de entrada e o restante deve ser queimado, acompanhado o ato de orações que, os que as praticam, não gostam de repetir, para 'satisfazer a curiosidade apenas. Realmente, o pesquisador de usos populares encontra muitas barreiras, sobretudo no setor religioso.

Aos exageros culinários das peixadas e bacalhoadas preparadas com coco (influência africana) assim como o feijão de coco, do breido "manjongomes" também de coco, segue-se a avidez de carnes no sábado de Aleluia e no domingo de Pascoa. É ocasião para o exagero em assados de porco, de peru ou galinha ou das paneladas.

O testamento e o enforcamento de Judas, assim como o "serra-velho", que nos relatam os cronistas antigos vai declinando, sensivelmente. Aliás, progressivamente e sem interrupção, vai se caracterizando o Folclore Nordestino. Aos estudiosos compete registrar e observar os novos rumos que a Era da Comunicação vai produzindo, num como que nivelamento de usos e costumes.

Arte & Tempo

ANGELO MONTEIRO

A imagem de um resistir, mesmo se aniquilando, pode servir como designação suprema do indivíduo. A consciência de todo tipo de barreiras e limitações, além do limite específico de todo indivíduo, pode, como combustível necessário, ativar a individualidade mais adormecida no Homem. Não é fácil ser indivíduo: é a tarefa mais dolorosa que foi entregue à carne. Pois o indivíduo, pela própria condição de indivíduo, nasceu para ser tentado. Sucumbir a todas essas tentações é a sua derrota. Mas resisti-las, mesmo à custa de seu próprio holocausto, consiste na sua verdadeira glória, ainda quando esta apareça revestida, ilusoriamente, de uma trágica derrota.

A missão do indivíduo é justamente esse contínuo aniquilar-se para atingir a Vida. Poucos, infelizmente, entendem o significado mais oculto desse aniquilamento — que é o da própria Vida, superando-se e enriquecendo-se, para atingir a sua justificação e a sua plenitude.

A imagem do indivíduo é a da vela: em sua chama de humildade e de expectativa dolorosa, acesa contra todos os ventos, mas sempre resistindo, e iluminando tudo ao seu redor no próprio momento de reduzir-se a cinzas.

Machado, Sim

JOÃO CAMELO DE PAIVA

Machado de Assis foi também e talvez principalmente um comedido e um elegante. Tanto a sua pessoa como a sua obra. Ambos estavam estritamente ligados, quero dizer, fundidos, unos e indivisíveis, tal a identidade entre o criador e a criatura. Dele podemos dizer, usando suas próprias palavras quando apresentava ao leitor aquele Estevam do conto "A MULHER DE PRETO", "era elegante nas maneiras, na atitude, no sorriso, no traje, tudo mesclado de uma certa severidade que era o cunho do seu caráter".

A sua natureza recatada e tímida não era propensa a arroubos e, se alguma vez o entusiasmo lhe burlou a vigilância, sabia sofrê-lo com sobriedade. Toda a sua obra é um atestado dessa capacidade de contenção. Mesmo na fase romântica, quando podia soltar as rédeas à imaginação "ele foi sempre, como disse Silvio Romero, no meio da barulhada imaginativa e turbulenta dos seus velhos companheiros, pacato e moderado, com uma porta aberta para o lado da observação e da realidade".

Se houve um fato sobre o qual Machado de Assis calasse com todo fervor de um adversário apaixonado, destoando da sua linha glacial, sem ferir porém os ditames da elegância e sobriedade, foi o do aparecimento da escola naturalista. Abandonando posteriormente os moldes românticos, dentro dos quais o seu espírito de analista frio e realista não se encontrava mais à vontade, experimentava, contudo, conforme Eloy Pontes: "as amarguras de quem se despede dos vícios e das rugas que os anos tinham feito". Quando morto já Eça de Queiroz, o autor de *Braz Cubas* escrevendo a seu amigo Henrique Chaves, reconhece os caprichos da fatalidade, que tudo mudam, e confessa: "cada passo do século renova o anterior e a cada geração cabem os seus profetas".

O horror que ele votava à escola naturalista era uma decorrência lógica do seu horror ao menos limpo, mesmo porque "os naturalistas da escola francesa preferem estudar o povo na sua banalidade", como acentuou Silvio Romero.

Entretanto, o descrente dos moinhos de vento do romantismo, embora repudiando a definição de arte dada por Emile Zola, reconheceu que algo poderoso se sobrepunha à sua vontade. Vale salientar que outra feição do caráter do autor de *Quincas Borba*, como sugeriu atrás, era a intransigência a reformas, reagindo contra modificações nos nossos costumes, mormente contra a introdução de inovações literárias.

Mesmo assim, aderiu ao realismo, mas não o fez sob a forma de um seguidor fanático das teorias do mestre francês. O seu realismo era menos o da cópia servil da natureza exterior que a análise sutil e profunda do vasto mundo interior. "Há em Machado de Assis uma atração mórbida, observa Olívio Montenegro, pelas regiões obscuras da vida humana". Atração despertada, ou melhor, precipitada pelo alto espírito de análise de que era possuidor.

Talvez por aí se explique a ausência quase total do descritivo em sua obra. A um seu amigo, Ramos Paz, que insistia junto a ele para que descrevesse o esplêndido parque do Conde de S. Mame-

de, que ambos conheciam muito bem como frequentadores que eram daquele solar, o autor de *HELENA* explicou: "A natureza não me interessa; o que me interessa é o homem". A alma humana oferece-lhe, de fato, durante toda a sua vida, um vasto campo de experiência, o material por assim dizer, enigmático e sedutor, dado a sua constante de ineditismo, a qual ele colocava sob o seu poderoso microscópio e depois entrava a dissecá-lo impiedosamente, com um sorriso sardônico acompanhando-lhe a pena. No importante estudo que Olívio Montenegro fez em *ROMANCE BRASILEIRO E SUAS TENDÊNCIAS* sobre o autor de *YAYÁ GARCIA*, chegou certa vez a compará-lo àquele personagem principal da novela *O MÉDICO E O MONSTRO*, de Stevenson. Ele encarnava, segundo o notável crítico brasileiro, de certo modo, o Dr. Jekyll e Mr. Hyde. Este, quando penetrava no seu laboratório, metamorfoseava-se no doutor, encontrava-se com a outra personalidade. Machado também no seu laboratório, transfigurava-se e deixava de ser aquele Machado tímido e encolhido.

De posse do seu instrumento — a Arte, sorria discretamente, impiedosamente, examinando a sua humanidade. Não que nesse vago sorriso houvesse maldade. Mas o reconhecimento, a certeza prévia das fraquezas humanas. Sabia o que era o homem, mas não podia furtar-se, ao prazer de examiná-lo, como alguém que anda todos os dias pelo mesmo caminho, conhecendo todas as curvas, descidas e subidas, familiarizado com o perfume das mesmas flores que o margeiam, e que sabendo embora aonde ele val ter — deseja, entretanto, uma surpresa que nunca jamais surgirá. Daí aquele desencanto pela vida, que se desprende dos seus mais fortes livros. Não sendo uma natureza mística, enveredou, por assim dizer, logicamente no humorismo, que era a única alternativa para aquele que não acreditava mais na vida e queria entretanto viver. Precisava de uma compensação, de uma desforra. A marca de sua origem contribuiu também para isso. Ela não desaparecia, marchava com ele pela existência afora, sempre presente e constrangedora. "Chegado ao termo da jornada, esse plebeu podia vingar-se das suas origens", observa com muita sagacidade e profundidade Nelson Werneck Sodré. E, se se vingou, realmente o fez com muita elegância, sem encrespar melindres, sem arranhar suscetibilidades... Muito ao contrário. A prova disso é que teve o prêmio do reconhecimento do seu valor, da sua importância, da sua por assim dizer excepcionalidade, dos seus contemporâneos e da posteridade.

Não é do meu intento fazer aqui um estudo das causas que determinaram aquela feição pessimista das obras principais de Machado de Assis. Entretanto, não podendo passar indiferente sobre esse aspecto tão interessante do ponto de vista filosófico e reconhecendo que o seu temperamento era doce, velado, sempre atencioso e discreto. No fundo, porém, como se pode ver em quase toda sua obra, era um desencantado, um homem que descreditou no seu semblante, que nada esperava da vida porque sabia que ela não podia dar a não ser a experiência amarga, a desilusão completa, a sensação de solidão.

Não sendo um caráter ríspido e voluntarioso, e não podendo fugir às determinantes fisiológicas e sociais, a nota predominante de sua sensibilidade era e só podia ser a de um desconfiado. Talvez não tenha sido um pessimista apenas por princípio mas por afinidade de sentimento. Acha Silvio que "nós, os brasileiros, não somos em grau algum um povo de pessimistas". Se isto for verdade para um povo, será para um indivíduo quando, além da disposição orgânica, digamos assim, é dono de uma sólida cultura, de longa experiência da vida, de um profundo conhecimento dos homens? Não se ganha experiência do mundo e dos homens sem pagar um alto preço. O próprio Silvio Romero, na sua obra monumental que é a *HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA*, pondera ainda que "entre germânicos, gentes essencialmente enérgicas, não se dá o fato, senão, por assim dizer, esporadicamente e de modo exterior, sem alcance sério. Tal o caso de um Schopenhauer, de um Hartmann, de um Taubert, a quem erroneamente alguns juntam, sem a mínima razão, Frederico Nietzsche, que era exatamente o contrário de um pessimista". Perguntarei novamente: não foi entre os alemães, gentes essencialmente enérgicas, se bem que de um modo esporádico, como frisou o nosso historiador literário, que surgiu o sistematizador do pessimismo? Aquele que, segundo Axel Munthe, foi o "maior filósofo dos tempos modernos, que fez da negação da vida pedra angular do seu sistema?"

Acho-me inclinado a acreditar que o pessimismo do autor de *BRAZ CUBAS*, conquanto não fosse erigido em sistema, era porém o seu modo de encarar a vida, a sua cosmovisão. Tudo ele media por esse diapasão, por essa bitola dentro da qual o mundo com todas as suas formas cabia justo, quase nada sobrando para o risonho e doce otimismo. E, quando fez humor, não foi senão pelo que vinha ditado das profundezas do ser, quando a natureza, em legítima defesa, engendra uma compensação na forma de um sentimento contrário àqueles que só fazem sofrer.

Não pode, creio, ter sido esse pessimismo de modo algum apenas uma atitude adotada por Machado de Assis. Além do mais a dor é universal, e a consciência dela, ou melhor, a consciência de que ela é universal no sentido do espaço e do tempo é que gerou o pessimismo que, como o seu parente bem próximo, o tédio, é também "essa flor amarela, solitária e mórbida, de um cheiro inebriante e sutil", no dizer do Mestre.

Entre muitas outras, há uma página de Machado de Assis, que para mim foi onde a pena do autor de *D. CASMURRO* destilou mais o veneno daquela flor estranha. É a do delírio de *Braz Cubas*, no momento em que roga à Natureza viver mais algum tempo. "Então encarei-a com olhos súplices, e pedi mais alguns anos".

"— Pobre minuto, exclamou. Para que queres tu mais alguns instantes de vida? Para devorar e seres devorado depois? Não estás farto do espetáculo e da luta? Conheces de sobejo tudo o que eu te deparei menos torpe ou menos aflitivo: o alvor do dia, a melancolia da tarde, a quietação da noite, os aspectos da terra, o sono, enfim, o maior benefício das minhas mãos. Que mais queres tu, sublime idiota?"

Poemas Traduzidos

(PARA O JORNAL UNIVERSITÁRIO)

WALLACE STEVENS, morto em 1955, é nome extraordinariamente consagrado na poesia do mundo moderno. Viveu como um americano comum, uma vida comum, de homem de empresa, funcionário regular e correto, que, quase às escondidas, tratava de sua poesia em iluminado silêncio. Uma vez, levando a jantar um amigo — ou cúmplice — com quem costumava discutir sobre literatura, advertiu-o, à porta do restaurante: — "Olhe, devo lhe dizer que aqui não se costuma falar de literatura"... E há de ter transcorrido o repasto entre cotações da bolsa, referências a uma nova piscina, um novo barco, qualquer uma dessas intoleráveis proezas que os filhos dos outros conseguem para gáudio dos pais, tédio dos ouvintes e sustentáculo de reuniões sociais, como a do "correto" restaurante...

A poesia de Stevens foi por muito tempo considerada extremamente refinada e, mesmo entre os do seu círculo, ele era tido como um poeta que "facilitava" pouco, enviando suas mensagens num tom velado, pessoal, de altitude impiedosamente alpina. O tempo curou todos esses equívocos. Hoje, juntamente com Frost, Williams e Elliot, ele forma uma quadra de poetas indiscutivelmente consagrados; já intocáveis, tornados padrão, pilastra, um ancoradouro a que retornar quando incursões por poetas menores começam a fazer surgir aquela sensação de desespero e náusea e a gente pensa que não há mais jeito para a poesia. Já o jeito: voltar aos "bons". E aguardar que o tempo fabrique outros tantos, para continuidade dessa extensa linha que começou talvez com um fragmento de carvão na rocha ou um graveto na areia da praia. Haverá sempre porque, para que escrever. E de tempos em tempos, um poema como os de Wallace Stevens o comprova.

O HOMEM DA NEVE

WALLACE STEVENS

É preciso ter uma mente de inverno
Para contemplar a geada e os ramos
Dos pinheiros recobertos pela neve;

E ter estado frio muito tempo
Para olhar o zimbro espessado pelo gelo
E os abetos áspers na luz distante

Do sol de janeiro; e para não pensar
Em qualquer miséria ao som do vento,
Ao som de umas poucas folhas,

Que é o som da terra
Cheia do mesmo vento
Que sopra no mesmo espaço desnudo

Ante o ouvinte, que escuta na neve
E, sendo nada ele mesmo, contempla
Nada que não está lá e nada que está.

(Tradução e notas de Jorge Wanderley)

Verões

JACI BEZERRA

Ainda assim distante, é a cidade
aberta ao nosso vasto desespero
e a essa pedra onde, áspero e aceso, arde

preso à corrente o anjo torturado,
os olhos lacerados pelo selo
que esconde o sol dos seres condenados,

pedaços de ilusão postos no espelho,
a refletir o baio e o amarelo
cão que ainda rói nossos artelhos.

Onde, então, restará se ano após ano
o cão nos rói o sonho, os nossos pássaros
para enganar os nossos desenganos?

Dentro do nosso olhar, distante ilha
compostos, o anjo nos murmura, áspero,
acesos m'lharaes de maravilhas.

Porém, silenciosa, vem a besta
roer a pedra, mais que acesa, dura,
esfregando a narina em nosa testa.

Tudo por bem do amor se modifica,
toma o amor o lugar da amargura
na cidade que agora se edifica.

Mas mesmo dando voz ao nosso apelo,
o cão fareja o ar, aceso rosna,
e franze o olhar e eriça a flor dos pelos.

A aurora distante dos seus passos,
silenciosamente em nós se entorna
e girassóis são nossas mãos e braços.

Não nos deixando, o efeito dessa febre
se prolonga no tempo e faz aceso,
o anjo ser maior do que se atreve

mesmo no desespero acorrentado,
sentindo o cão a lhe roer os nervos,
as asas e os olhos macerados.